

BNCC

A Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica

ORGANIZAÇÃO TEREZA PEREZ



Fundação **Santillana**



A transformação efetiva da Educação requer uma visão sistêmica que integre todos os níveis e atores do processo educativo: o Ministério da Educação, as secretarias municipais e estaduais, os conselhos educacionais, as equipes escolares – diretores, coordenadores pedagógicos, professores e funcionários –, as famílias dos alunos e as comunidades do entorno das escolas. Todos fazem parte de um mesmo sistema complexo e interdependente.

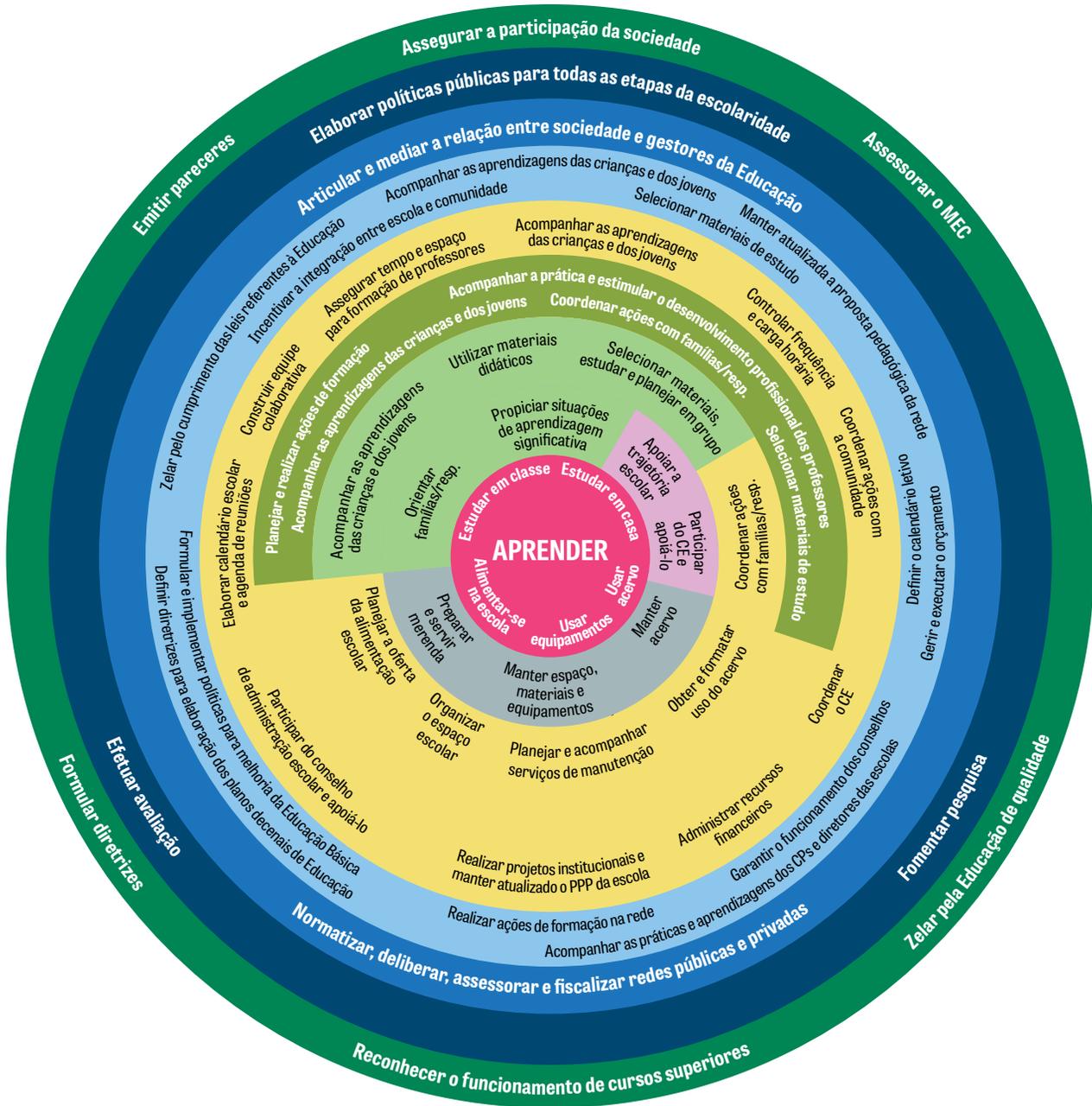
A aprendizagem das crianças e dos jovens que ocorre na escola é provocada pelas pessoas que agem no funcionamento dessa engrenagem. Deve, então, ser a fonte de sentido da atuação dos profissionais envolvidos no sistema de ensino, porque são eles os responsáveis por criar condições para que todos possam usufruir de seus direitos de aprender.

O diagrama no verso, desenvolvido pela Comunidade Educativa CEDAC, em parceria com a Editora Moderna e a Fundação Santillana, busca demonstrar como essa interdependência se dá na prática, consideradas as distintas dimensões de cada ator desse processo.

É essa a visão do processo educativo na qual se baseia esta publicação, para que se possa pensar a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na escola a partir das condições que devem ser geradas para e pelos educadores para favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de nossas crianças e jovens.

Veja o diagrama **O processo educativo** ao lado |.....>

O PROCESSO EDUCATIVO



O PROCESSO EDUCATIVO

O desenvolvimento e a aprendizagem de todas as crianças e de todos os jovens e adultos é a fonte de sentido de toda ação educativa.

-  Conselho Nacional de Educação (CNE)
-  Ministério da Educação (MEC)
-  Conselhos estaduais e municipais
-  Secretarias estaduais e municipais
-  Diretores
-  Coordenadores pedagógicos
-  Professores
-  Famílias/responsáveis
-  Funcionários
-  Crianças e jovens

Abreviações:

CE: conselho escolar

CP: coordenador pedagógico

PPP: projeto político-pedagógico

BNCC

A Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica

ORGANIZAÇÃO TEREZA PEREZ



Fundação **Santillana**



PRODUÇÃO EDITORIAL

Fundação Santillana

Direção

André de Figueiredo Lázaro

Editora Moderna

Diretoria de Relações Institucionais

Luciano Monteiro

Karyne Arruda de Alencar Castro

Edição

Ana Luisa Astiz / AA Studio

Preparação

Marcia Menin / AAStudio

Revisão

Juliana Caldas e Marcia Menin / AA Studio

Projeto gráfico

Paula Astiz

Editoração eletrônica

Paula Astiz Design

Infografia

Mario Kanno e Fábio Bosque

PROJETO EDITORIAL

Comunidade Educativa CEDAC

Organização e coordenação

Tereza Perez

Textos

Carolina Glycerio

Fátima Fonseca

Lino de Macedo

Marília Novaes

Maria Maura Gomes Barbosa

Roberta Leite Panico

Sandra M. Murakami Medrano

Simone Azevedo

Tereza Perez

Diagramas

Otávio Soares

Tereza Perez

Nota

Todos os infográficos deste livro e da apresentação em PDF acessível por meio do código QR impresso na quarta capa foram concebidos originalmente pela Comunidade Educativa CEDAC e podem ser reproduzidos desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

BNCC – a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica / organização Tereza Perez. — São Paulo : Editora Moderna, 2018.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-16-11234-9

1. 1. BNCC – Base Nacional Comum Curricular 2. Educação – Brasil
3. Educação – Finalidades e objetivos 4. Política educacional I. Perez, Tereza.

18-15799

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Base Nacional Comum Curricular 370.981

- 5 APRESENTAÇÃO**
- 9 OS PRINCÍPIOS DA BNCC NO COTIDIANO ESCOLAR**
- 19 A ESTRUTURA DA BNCC**
- 57 A BNCC E A GESTÃO ESCOLAR**
- 77 UMA CONVERSA SOBRE COMPETÊNCIAS**
- 97 MATERIAL DE APOIO E BIBLIOGRAFIA**
-

APRESENTAÇÃO

Caros diretores e coordenadores pedagógicos,

Esta publicação foi concebida com o propósito de contribuir para ampliar a reflexão de vocês, gestores escolares, e de suas equipes em torno das intencionalidades educativas a serem asseguradas no ensino pautado pelas competências expressas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Elaborada em parceria com a Editora Moderna e a Fundação Santillana pela equipe da Comunidade Educativa CEDAC, que há 20 anos atua na formação de educadores, a obra se propõe a apoiar as equipes gestoras que se veem diante do desafio de orientar professores na implementação da BNCC e dos novos currículos que serão elaborados à luz dela.

No verso da capa do livro, vocês encontram um diagrama que representa a complexa rede de atores mobilizada no processo de ensino e aprendizagem. Ele mostra a articulação que se faz necessária entre as ações desses atores, pois, para que essa engrenagem funcione, todos devem ter como fonte de sentido a aprendizagem das crianças e dos jovens.

O primeiro capítulo aborda as implicações que a visão de aprendizagem e desenvolvimento trazida pela BNCC tem no cotidiano escolar e na atuação dos educadores, convidando-os a refletir sobre como se configura a escola que busca garantir que crianças e jovens usufruam dos direitos de aprendizagem expressos pelas competências e habilidades contidas no documento.

O capítulo seguinte apresenta o teor e a lógica de construção da BNCC de maneira esquemática, visando facilitar a visualização de sua estrutura e das relações entre seus elementos. Tal exercício foi organizado também em uma apresentação no formato PDF disponível por meio do código QR impresso na quarta capa, para utilização, caso considerem pertinente, em reuniões e discussões com suas equipes (em “Material de apoio”, p. 97, há uma orientação de uso dessa apresentação).

No terceiro capítulo, os autores compartilham reflexões sobre as condições que os gestores escolares precisam gerar para criar na escola um ambiente institucional e práticas que contribuam para que crianças e jovens se estabeleçam como sujeitos centrais e ativos em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Encerramos com uma conversa entre o professor Lino de Macedo, especialista em Jean Piaget, e Tereza Perez, da Comunidade Educativa CEDAC, em que eles aprofundam a concepção de competência, suas formas de uso e suas repercussões no discurso e na prática pedagógica, além de abordar os desafios de educar diante da necessidade ética de garantirmos a equidade neste mundo mutante.

Como pano de fundo de todo o livro está a correlação entre a forma de ser, ensinar e agir dos educadores e o modo de ser, aprender e agir das crianças e jovens. A ideia aqui subjacente é que, se queremos que todos os estudantes desenvolvam tais competências ao longo da escolaridade, é preciso que os educadores as coloquem em prática em seu dia a dia e na rotina escolar, para que elas não se transformem apenas em objeto de discurso.

Desejamos que a leitura seja estimulante e útil para suas reflexões e ações na escola!

OS PRINCÍPIOS DA

BNCC

NO COTIDIANO ESCOLAR



A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em dezembro de 2017, passa a ser uma referência nacional obrigatória para processos de elaboração de currículos e materiais didáticos, de políticas de formação de educadores, além de critérios claros para avaliações em larga escala e concursos públicos. Para os gestores das redes públicas de ensino, trata-se de uma oportunidade para juntarem esforços na formulação de estratégias e na consolidação de práticas voltadas para assegurar a efetivação e o acompanhamento da aprendizagem dos estudantes.

A definição das competências essenciais que todas as crianças e jovens têm o direito de desenvolver ao longo da escolaridade também contribuirá para que as escolas possam fazer escolhas mais assertivas de quais materiais didáticos adquirir ou elaborar. Idealmente, considerando um processo de implementação exitoso, os estudantes poderão mudar de escola, de cidade ou de estado que não haverá ruptura em seu processo de desenvolvimento, pois estarão assegurados da continuidade das aprendizagens.

A BNCC, ao estabelecer competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos ano a ano, demanda a (re)elaboração curricular e, para isso, exige que nós, educadores, pensemos coletivamente sobre como é nossa escola e o que queremos garantir às crianças e jovens para que usufruam os direitos de **aprendizagem** expressos por essas competências e habilidades. Com tais definições, permite também que os pais acompanhem as condições promovidas pela escola para que as aprendizagens e o **desenvolvimento** possam se efetivar.

Entendemos que a abordagem por competências e habilidades, conforme expressa na BNCC, defende a formação de um estudante que aprenda a aprender continuamente, que se envolva e se entusiasme

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Aprendizagem é um processo contínuo de aquisições que ocorrem durante toda a vida do indivíduo, ou seja, desde a vida intrauterina até a mais avançada idade.

♦ Os desenvolvimentos cognitivo, emocional, físico e social consistem em transformações que alteram a maneira de a pessoa compreender e realizar suas interações com o mundo, com os outros e consigo mesma, bem como são o resultado contínuo dessas aprendizagens. ♦ É papel da escola ensinar, gerando situações que ajudem as crianças e os jovens a aprender e, conseqüentemente, desenvolver-se.

pela vida, que valorize a interação com os outros, que faça conexões entre conhecimentos teóricos adquiridos e suas vivências práticas e que compreenda questões cada vez mais complexas ao longo de seu processo formativo. As competências propõem como direito do estudante, ainda, uma formação ética, com base

EMPATIA

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e buscar compreender razões, sentimentos e emoções para estabelecer uma relação de cooperação e de compreensão pela maneira como o outro age e toma decisões. Para exercê-la, é preciso saber ouvir, ter vontade de conhecer o outro e a si próprio e não fazer julgamentos unicamente com base na experiência pessoal. ♦ Na escola, a empatia se manifesta quando os educadores se sensibilizam pela realidade de seus pares e alunos e os ouvem antes de se manifestar ou julgar. Um gesto muitas vezes expressa maior compreensão do que uma palavra.

COMPROMISSO ÉTICO

O compromisso ético dos educadores é a busca constante, o empenho e a responsabilidade para que todos aprendam. ♦ Atuar com compromisso ético na Educação pressupõe gerar condições para que as crianças e os jovens aprendam e tenham liberdade de escolha sobre o que fazer e sobre como e onde viver. ♦ O ambiente escolar e as situações didáticas devem estar direcionados para que todos desenvolvam as competências específicas e gerais por meio da aprendizagem das habilidades preconizadas na BNCC. ♦ Na escola, na sala de aula, os educadores são os guardiões das aprendizagens e referência para que cada aluno também aprenda o que é ter compromisso ético em seu trabalho e em sua vida, independentemente das circunstâncias que enfrentem.

em valores claros, compartilhados socialmente e fundamentados em situações cotidianas diversas.

É no contexto escolar que a formação de atitudes e valores ocorre. Aprende-se no convívio, e com os modelos de relacionamento, a lidar com as diferenças, a respeitar, a argumentar, a cuidar de si e do outro, a esperar, a se comprometer consigo e com o grupo, a exercer a **empatia**, o diálogo. Nesse mesmo espaço, no entanto, também se podem aprender o desrespeito, a violência, a dissimulação, a injustiça.

Educar é fazer escolhas. Para cada ato, precisamos nos perguntar: o que estamos ensinando com isso ou aquilo? Como educadores, o que ensinamos quando estamos na escola, quando recebemos os estudantes e suas famílias? Ou quando revelamos a um aluno que confiamos em sua capacidade? Ou quando oferecemos ajuda àqueles que apresentam maior dificuldade? Ou quando acolhemos e respeitamos a realidade em que vivem?

Nós, educadores, bem como a maioria dos profissionais, guiamo-nos por um **compromisso ético**, buscamos fazer o melhor, para atender ao que é esperado, mas nem sempre sabemos como agir ou mesmo compreendemos o que se espera de nós. A BNCC aponta um caminho a ser percorrido.

Trata-se de uma referência, portanto os educadores de cada localidade devem realizar uma análise detalhada do currículo em uso e do que é proposto na BNCC para que a (re)elaboração desse documento possa:

- ▶ incorporar o que há de bom na prática vigente e, se preciso, aprimorá-la, cuidando para que as características culturais, socioambientais e econômicas da localidade estejam contempladas;
- ▶ agregar a abordagem de desenvolvimento de competências e habilidades, extremamente necessária no mundo contemporâneo, que a BNCC traz.

Muitos consideram o currículo um documento que contém uma lista de conteúdos de cada disciplina. O que a BNCC indica é a necessidade de constituir uma proposta curricular que assegure as competências e habilidades e resguarde, nos objetos de conhecimento, as marcas culturais, ambientais e econômicas de cada região. Além disso, deve-se garantir que os princípios e propósitos do projeto educativo da escola estejam explícitos e reflitam o **debate democrático** entre educadores e, se possível, da escola com a sociedade, em especial com os pais. A participação dos professores nesse processo é essencial, porque são eles que traduzirão na prática, em sala de aula, o que está no documento.

Iniciamos um novo caminho que provocará mudanças de rota para que os passos se alinhem cada vez mais com a Educação que esperamos para o país. E, para que possamos avançar de maneira assertiva, precisamos ter claro qual é o projeto de Educação e de país.

Vamos fazer um exercício de reflexão que pede que sonhemos um pouco...

DEBATE DEMOCRÁTICO

Na democracia, cada um é responsável por si e pelo coletivo. Por isso, o compartilhamento de propostas e problemas que afetam todos é essencial para que as decisões sejam tomadas em conjunto. ♦ Na escola, a democracia se expressa pela busca da aprendizagem e desenvolvimento de todos, no modelo de gestão, no projeto político-pedagógico, no currículo, na organização do espaço, no trabalho coletivo dos professores, nos conselhos de classe e escola. ♦ A escola democrática proporciona aos estudantes vivências de participação, protagonismo, exercício contínuo do diálogo e respeito à diversidade de opiniões.

Qual país gostaríamos de ter?

1. Como gostaríamos que fosse nossa convivência uns com os outros?
2. Em nossa cidade, como seria o atendimento em saúde? Como funcionariam os meios de transporte? Os serviços públicos de modo geral?
3. Como seriam as escolas? Como participariam dela os professores, os pais, os estudantes? E os diretores, os coordenadores, os funcionários?
4. Como gostaríamos que fosse a relação de nossos alunos com o conhecimento?

Será que esse sonho pode se aproximar da realidade, pelo menos dentro das escolas? E o que sabemos sobre o futuro próximo?

Estamos em um momento histórico muito diferente de 50, 40, 30, 20, 10 anos atrás. A referência que temos de escola já não atende ao mundo atual. As necessidades de formação hoje são outras. E a vida continua mudando em um ritmo cada vez mais veloz, em função, dentre outras coisas, do avanço do desenvolvimento da tecnologia e de sua presença em nossa vida. Como escreve Lidia Goldenstein, “o telefone fixo demorou 75 anos para alcançar 50 milhões de usuários, o rádio levou 38 anos, a TV, 13 anos, a internet, três anos, o Facebook, apenas um ano, e o jogo *Angry Birds*, incríveis 35 dias”.¹

No entanto, não é só a tecnologia que nos obriga a rever a maneira como ensinamos. Atualmente, sabemos muito mais de como a criança aprende e da importância de ela ter uma **vida digna** e saudável dos pontos de vista físico, cognitivo e emocional. O lugar do conhecimento em nossa sociedade mudou. Passamos a valorizar outros tipos de saberes e criamos o conceito de

VIDA DIGNA

A dignidade se manifesta pelos direitos e deveres fundamentais e obrigatórios das pessoas, e garanti-la às crianças e aos jovens é protegê-los para que possam viver de maneira plena e satisfatória.

1. GOLDENSTEIN, Lidia. 4ª Revolução Industrial: impactos no emprego e na Educação. *Interesse Nacional*, ano 10, n. 39, nov. 2017/jan. 2018. Disponível em: <<http://interessenacional.com.br/2017/11/17/4a-revolucao-industrial-impactos-no-emprego-e-na-educacao>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

gestão do conhecimento, que pressupõe as habilidades de pesquisar, selecionar, organizar, agrupar, sistematizar... Muitas atividades que dependiam do ser humano são realizadas hoje por computadores, que processam uma quantidade de informações gigantesca e mapeiam e oferecem alternativas excelentes para resolver problemas, de modo mais rápido e mais eficiente do que conseguiríamos. Máquinas identificam onde existe petróleo, constroem carros, analisam processos jurídicos, realizam diagnósticos laboratoriais... A tendência é que os computadores assumam cada vez mais ações humanas, sobretudo as tarefas repetitivas, administrativas e burocráticas. E qual é a repercussão disso na Educação?

De um lado, nós, profissionais da Educação, teremos de fazer um esforço enorme de reinvenção. Quando? Agora! E, quanto melhor respondermos a esse desafio, que envolve criar condições para as pessoas desenvolverem competências impossíveis de serem exercidas por computadores, mais valorizada será a carreira de professor.

Trata-se de uma oportunidade de nos desenvolvermos como profissionais, de estarmos conectados com as demandas sociais de nosso tempo. Podemos fazer essa transformação com entusiasmo, descobrir coisas novas, desenvolver projetos que aprimorem nossos conhecimentos e façam bem para a sociedade. Podemos resolver e propor mais problemas, trabalhar de maneira multidisciplinar, ser mais criativos, adaptar-nos às novas formas de interação entre pessoas e entre pessoas e máquinas. As máquinas não são criativas, não são afetivas. Saber relacionar-se, saber cuidar de si e do outro têm valor inigualável.

O momento agora pede valor máximo ao conhecimento e ao relacionamento consigo, com o outro e com o planeta. Informação não é conhecimento! Um celular conectado à internet tem mais informação do que o conjunto de professores. Precisamos aprender a viver nesse contexto, e isso envolve saber buscar informação, relacioná-la com nossos conhecimentos e vivências e utilizá-la em diferentes contextos.

E a BNCC? O que tem a ver com isso?

A BNCC no contexto da sociedade do conhecimento

A BNCC indica competências e habilidades que são direitos das crianças e jovens para se desenvolverem e viverem hoje e em um futuro muito próximo de tal modo que possam apreciar e desfrutar as possibilidades oferecidas pelo mundo.

Trabalhar tendo como eixo as competências demanda que os estudantes adotem uma série de posturas diante do conhecimento, diante de si e diante do outro. A escola é o espaço que nos cabe para que todas as crianças e jovens aprendam a desenvolver essas posturas, e a primeira delas, essencial, é “aprender a aprender”, para que construam instrumentos que façam com que eles consigam e queiram aprender permanentemente.

Isso, porém, não depende apenas dos estudantes. Os educadores precisam também viver essa atmosfera. O desenvolvimento da autonomia ocorre quando temos intencionalidade educativa nessa direção e geramos condições para que todos os profissionais da escola ajam da mesma forma. Para tanto, é preciso criar um clima escolar em que todos – diretor, coordenador e professores – valorizem o conhecimento como meio de desenvolvimento de competências, mobilizem seus recursos, conhecimentos e saberes vivenciados, elaborem e comprovem hipóteses, argumentem, desejem e se entusiasmem com a evolução das aprendizagens dos estudantes e também com as próprias, integrando conhecimentos práticos e teóricos, enfrentando problemas e tendo atitudes eticamente responsáveis diante das situações complexas vividas no ambiente escolar.

As áreas de conhecimento constituem importantes marcos estruturados de leitura e interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de maneira autônoma. Ou seja, as diferentes áreas, os objetos de conhecimento selecionados em cada uma delas e o tratamento transversal de questões sociais constituem uma representação ampla e plural dos campos de conhecimento e de cultura de nosso tempo, cuja aquisição contribui para o desenvolvimento das competências gerais expressas na BNCC. Estas têm por objetivo a inserção social e supõem que estudantes, pais

e profissionais da Educação componham uma verdadeira comunidade educativa. Essa perspectiva visa ao **desenvolvimento integral** e coletivo e não ao individualismo.

Desse modo, pensar a escola demanda da equipe escolar o redesenho do projeto educativo para que cada profissional tenha clareza de sua intencionalidade pedagógica diante das crianças e jovens e diante dos colegas. O projeto político-pedagógico (PPP) não é um documento de gaveta; deve se remeter à identidade da escola, a seus valores, culturas, condições, realidade socioeconômica e ambiental e se refletir na atmosfera escolar. Ao mesmo tempo, a escola atua na formação de um indivíduo que tem hoje mais mobilidade do que nunca – pode se mudar para a escola ou cidade vizinha ou para o outro lado do mundo – onde a tensão entre o local e o global é permanente e a lógica que regula os diversos tipos de fronteiras e trocas é complexa. O PPP precisa, portanto, também dialogar com um senso de cidadania global.

A escola é um espaço vivo! Os documentos que interferem em seu funcionamento (currículo, PPP e outros) devem contemplar o presente e olhar para o futuro.

DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

É preciso proporcionar às crianças e aos jovens condições para que possam desenvolver-se integralmente nas dimensões intelectuais, físicas, afetivas, sociais e culturais. ♦ A escola favorece o desenvolvimento integral dos sujeitos quando: promove a equidade ao reconhecer o direito de todos de aprender; sustenta altas expectativas e a premissa de que qualquer um tem capacidade de aprender; respeita as diferenças representadas pelas deficiências, pelas distintas origens étnico-raciais, pela condição econômica e por fatores como procedência geográfica, orientação sexual, religião. ♦ O ambiente escolar promove trocas e estimula a criatividade, a participação, o diálogo e a coesão social. Na escola, a Educação não se limita a seus muros; utiliza equipamentos urbanos (como praças e monumentos), centros culturais (bibliotecas e museus, por exemplo), as organizações não governamentais e as atividades econômicas e culturais da região. Os educadores olham nos olhos dos alunos e ouvem o que dizem, integram os pais e a comunidade no cotidiano escolar.

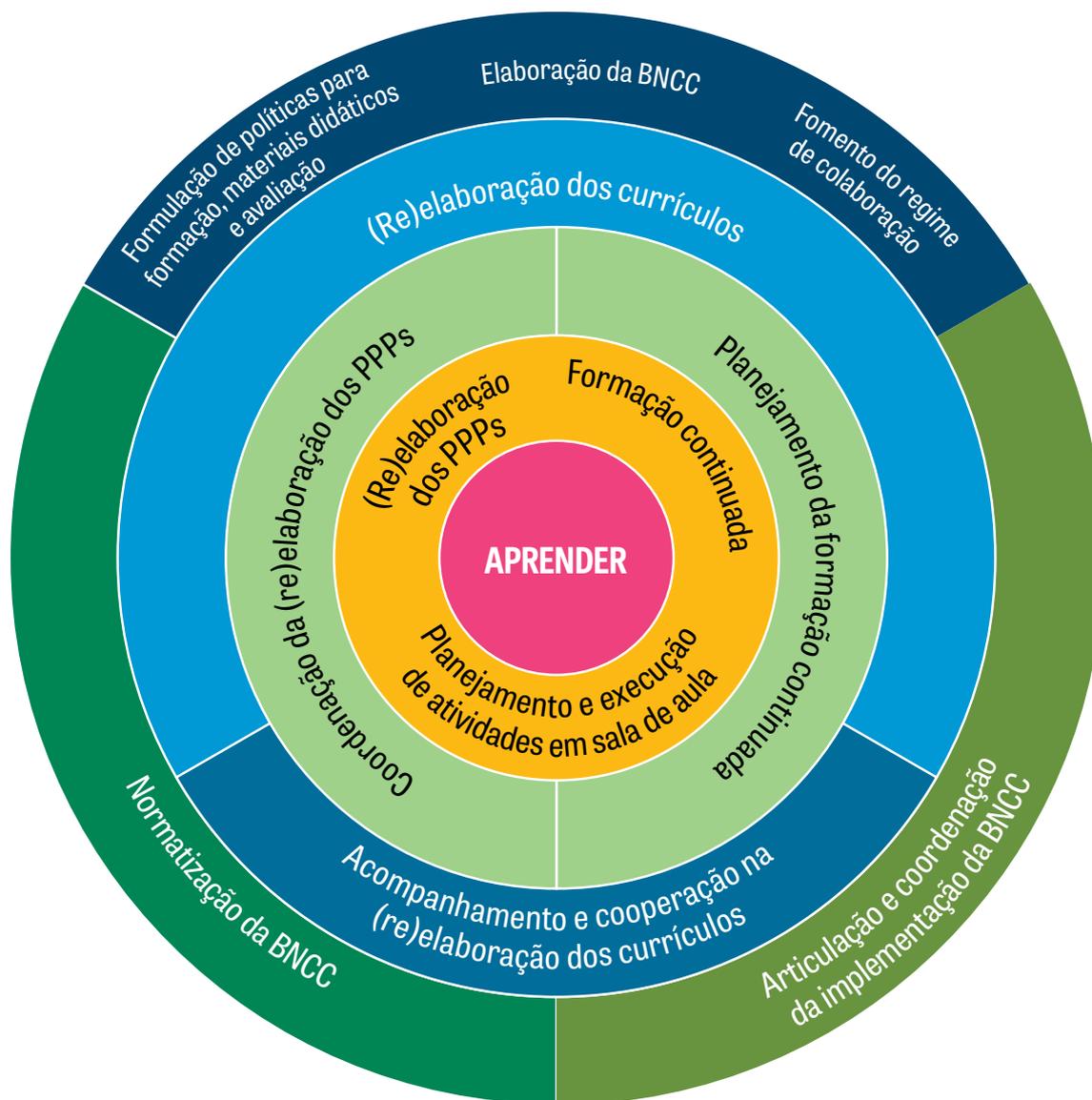
A ESTRUTURA DA

BNPG

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe-se a definir o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que crianças, jovens e adultos devem desenvolver ao longo das etapas da Educação Básica. É um documento extenso, que estabelece de maneira minuciosa conhecimentos, competências e habilidades como direitos a serem aprendidos e desenvolvidos durante a escolaridade básica. A importância dessa política se dá na medida em que, conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), ela deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das unidades federativas, como também as propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio de todo o Brasil.

A BNCC foi elaborada para assegurar a efetivação dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento e, como mostra o diagrama a seguir, sua aprovação desencadeia uma série de processos nas diferentes instâncias educativas que devem convergir para esse mesmo fim.

A APRENDIZAGEM NO CENTRO DA BNCC



A cada instância correspondem determinadas responsabilidades, como mostra o diagrama. Participaram do processo de elaboração, e ainda participam da implementação, o Ministério da Educação (MEC), o Conselho Nacional de Educação (CNE), o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e as secretarias municipais e estaduais de Educação, além dos educadores e organizações sociais que opinaram nas consultas públicas promovidas pelo CNE e nos seminários organizados pelo Consed e pela Undime.

A partir daí, começou a etapa de (re)elaboração de currículos municipais e estaduais e de revisão das políticas de formação para os profissionais das redes, o que levará à revisão dos projetos político-pedagógicos (PPPs) e dos demais documentos que orientam a prática de ensino nas escolas. Os professores, que idealmente terão participado ou acompanhado o processo de (re)elaboração curricular, buscarão, então, promover situações em sala de aula para favorecer o desenvolvimento das competências expressas na BNCC. É fundamental, portanto, que gestores educacionais e escolares, coordenadores e professores conheçam e compreendam a proposta, a estrutura e a lógica de organização da BNCC e se aprofundem nas etapas/áreas/componentes em que atuam.

A fim de contribuir para a apropriação desse novo documento por todos os atores implicados no processo educativo, este capítulo traz uma representação gráfica que mostra como os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, na Educação Infantil, e as habilidades, no Ensino Fundamental, estão organizados e se relacionam, de modo progressivo, para culminar no desenvolvimento das **dez competências gerais** apontadas pela BNCC, que são:

A APRENDIZAGEM NO CENTRO DA BNCC

Diagrama que representa o processo de construção e implementação da BNCC:

-  MEC
-  CNE
-  Comitê Nacional de Implementação da BNCC (MEC, Consed e Undime)
-  Conselhos estaduais e municipais
-  Secretarias
-  Diretores e coordenadores pedagógicos
-  Professores
-  Crianças e jovens

AS DEZ COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

É visando assegurar o desenvolvimento dessas competências gerais que a BNCC define uma **trajetória das aprendizagens** que devem ocorrer ao longo da Educação Básica, a começar pela Educação Infantil.

Visualização da estrutura

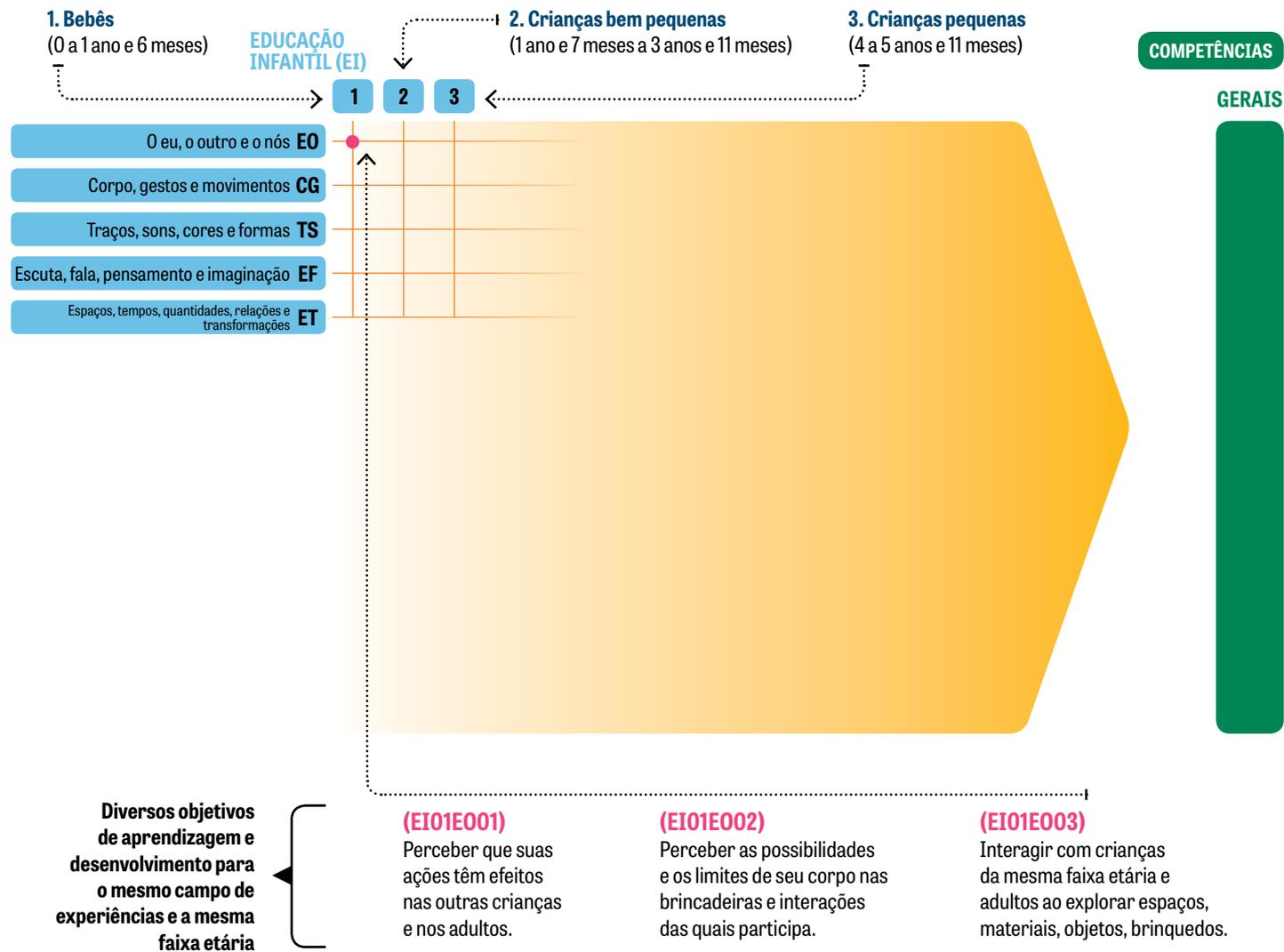
As próximas páginas ilustram, por meio de diagramas, a lógica de construção e de organização da BNCC nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Essas imagens também estão disponíveis em uma apresentação que os leitores podem acessar pelo código QR impresso na quarta capa deste livro. Com isso, espera-se contribuir para o conhecimento das equipes gestoras sobre o documento nas discussões que precisarão realizar para problematizar as condições que devem ser asseguradas para uma implementação qualificada do currículo a ser (re)elaborado à luz da BNCC.

Como mostra a imagem a seguir, a etapa da **Educação Infantil** estabelece três subfaixas etárias:

- ▶ bebês (0 a 1 ano e 6 meses);
- ▶ crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses); e
- ▶ crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

EDUCAÇÃO INFANTIL

Para cada campo de experiência e cada faixa etária, são definidos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.



EDUCAÇÃO INFANTIL

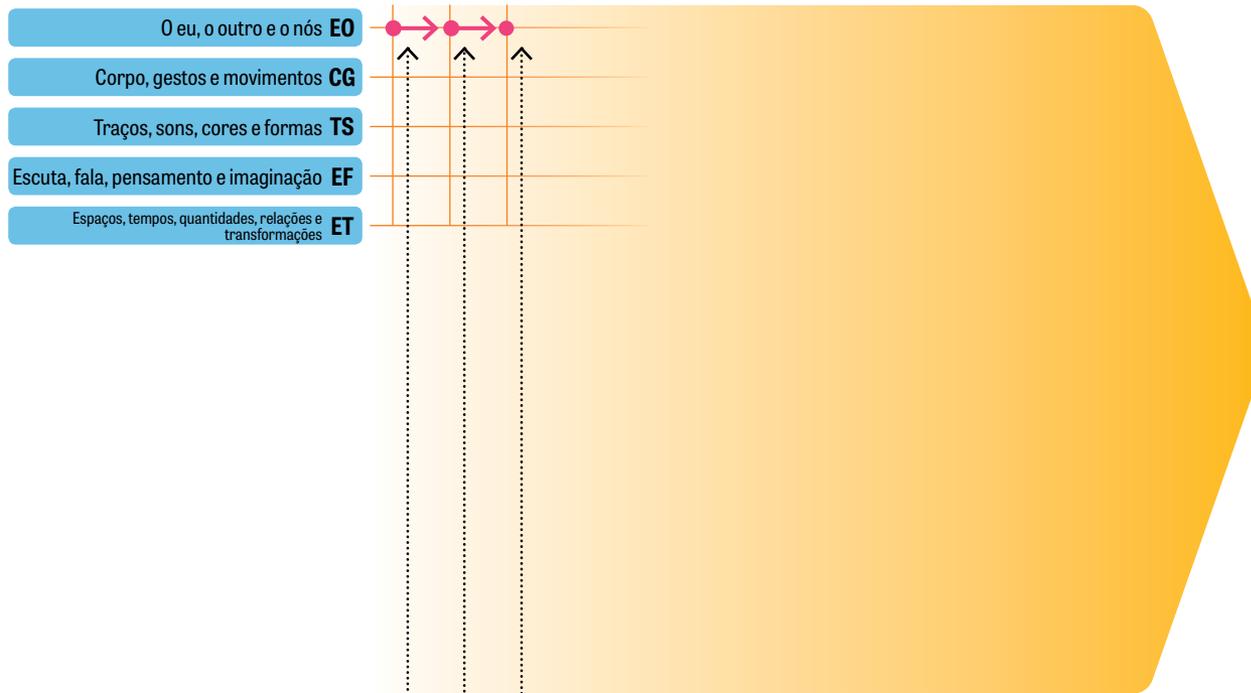
Há progressões de complexidade dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de uma faixa etária para outra.

EDUCAÇÃO
INFANTIL (EI)

1 2 3

COMPETÊNCIAS

GERAIS



Encadeamento
de objetivos de
aprendizagem e
desenvolvimento

(EI01E001)

Perceber que suas
ações têm efeitos
nas outras crianças
e nos adultos.

(EI02E001)

Demonstrar atitudes de
cuidado e solidariedade
na interação com
crianças e adultos.

(EI03E001)

Demonstrar empatia pelos outros,
percebendo que as pessoas têm
diferentes sentimentos, necessidades e
maneiras de pensar e agir.

EDUCAÇÃO INFANTIL

**A BNCC especifica
117 objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
para a Educação Infantil,
agrupados em 15 conjuntos.**

EDUCAÇÃO
INFANTIL (EI)

1 2 3

O eu, o outro e o nós	EO	•	•	•
Corpo, gestos e movimentos	CG	•	•	•
Traços, sons, cores e formas	TS	•	•	•
Escuta, fala, pensamento e imaginação	EF	•	•	•
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	ET	•	•	•

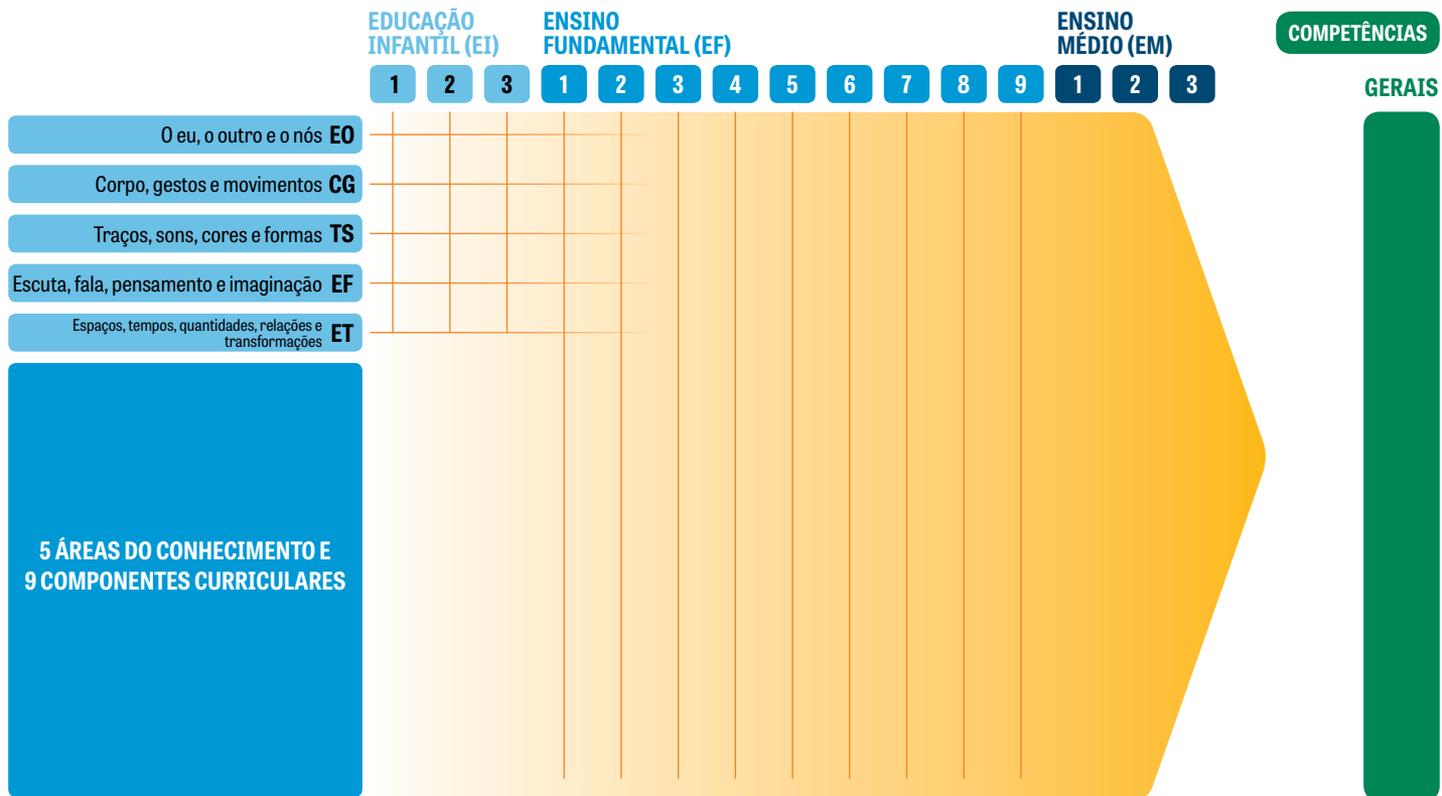
COMPETÊNCIAS

GERAIS



ENSINO FUNDAMENTAL

O Ensino Fundamental compreende cinco áreas do conhecimento e nove componentes curriculares.



ENSINO FUNDAMENTAL

O diagrama à direita mostra os componentes curriculares de cada uma das cinco áreas do conhecimento do Ensino Fundamental.

**ÁREAS DO
CONHECIMENTO**

**COMPONENTES
CURRICULARES**

LINGUAGENS

LÍNGUA PORTUGUESA

ARTE

EDUCAÇÃO FÍSICA

LÍNGUA INGLESA

MATEMÁTICA

MATEMÁTICA

CIÊNCIAS DA NATUREZA

CIÊNCIAS

CIÊNCIAS HUMANAS

GEOGRAFIA

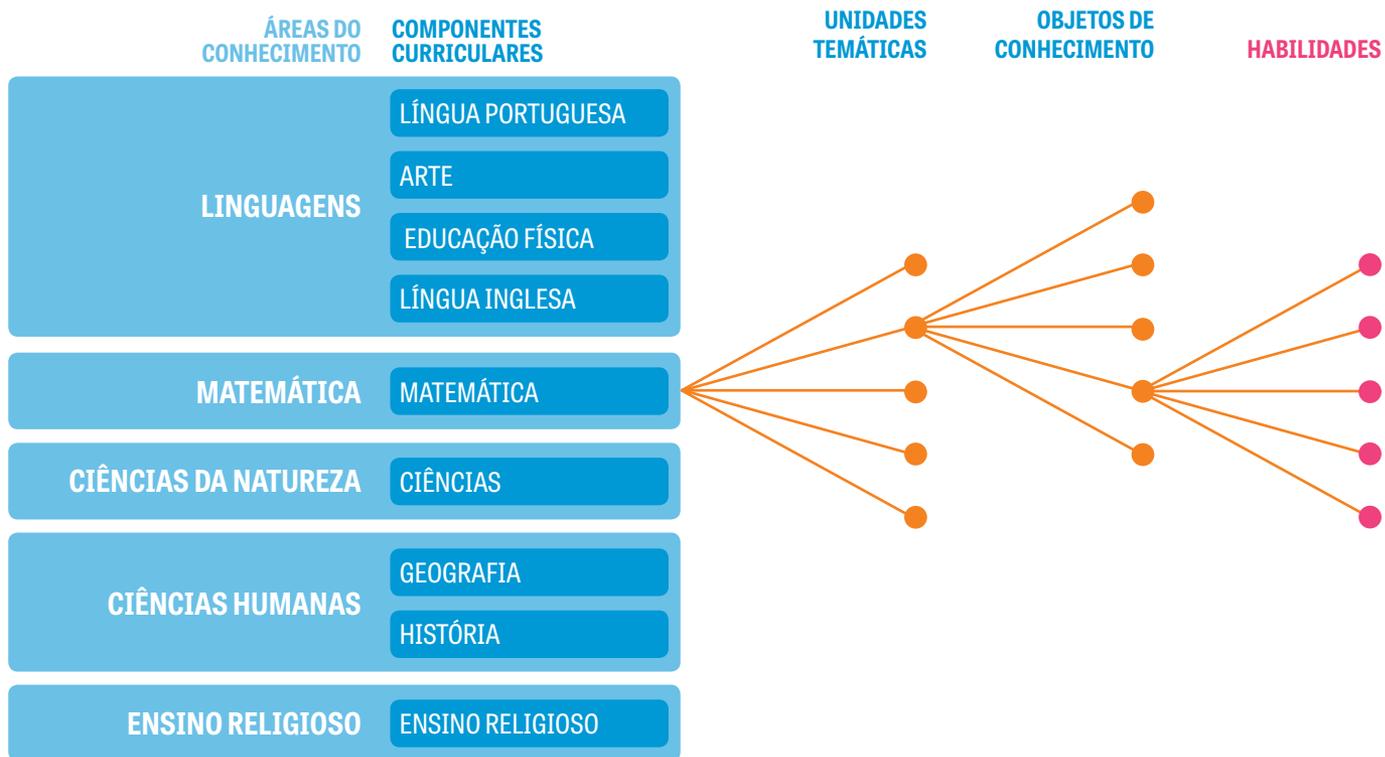
HISTÓRIA

ENSINO RELIGIOSO

ENSINO RELIGIOSO

ENSINO FUNDAMENTAL

Cada componente curricular é dividido em unidades temáticas. Cada uma delas abrange uma série de objetos de conhecimento, e a cada objeto correspondem diversas habilidades.



ENSINO FUNDAMENTAL

O enunciado das habilidades é organizado por componente curricular e ano escolar, de acordo com um código.

O primeiro par de letras indica a etapa (Educação Infantil – EI; Ensino Fundamental – EF; Ensino Médio – EM); o primeiro par de números indica o ano (no caso da EI, o grupo por faixa etária); o segundo par de letras indica o componente curricular no caso do EF (e o campo de experiência no caso da EI); e o último par de números indica a posição da habilidade na numeração sequencial do componente para cada ano escolar.

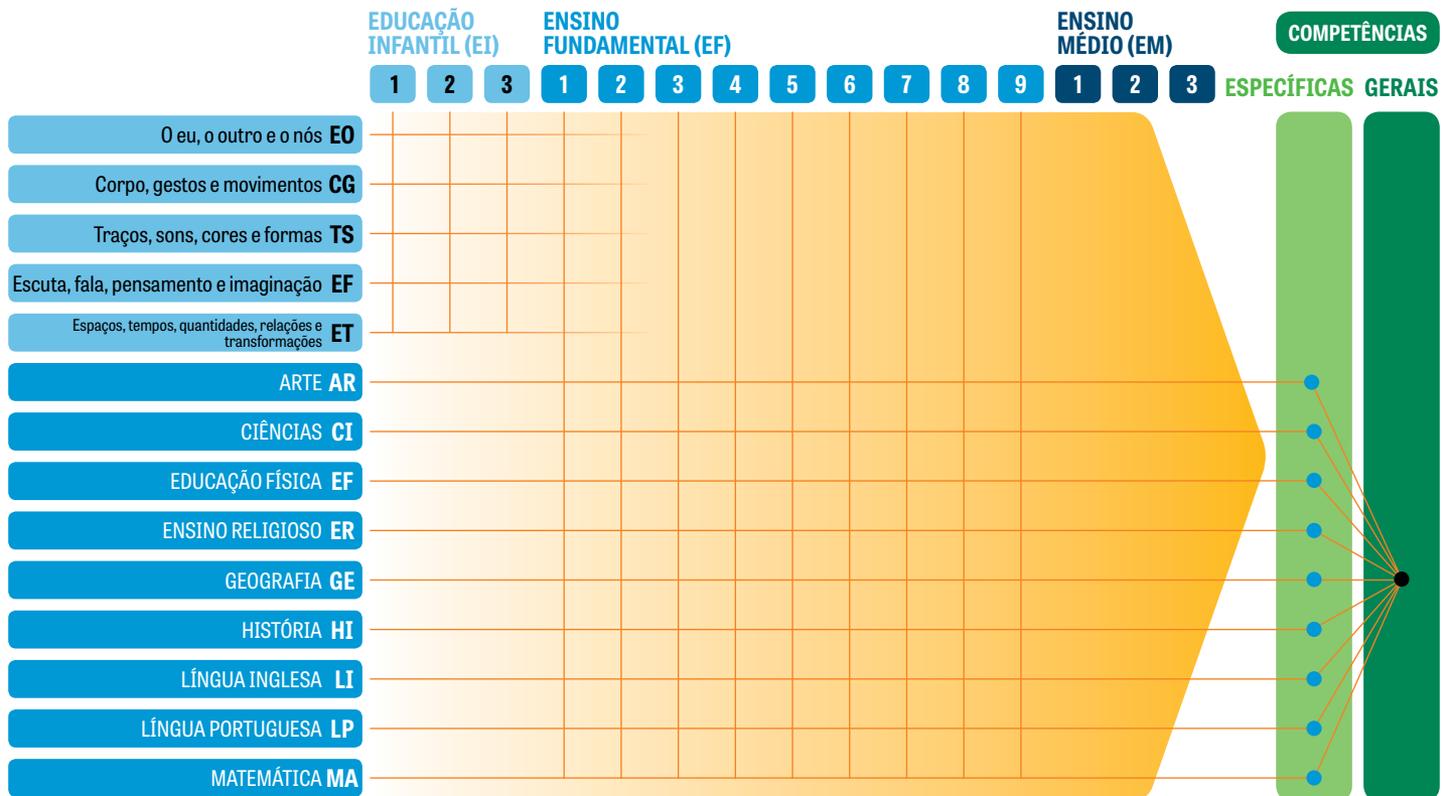
Por exemplo: EF01MA08 indica “Ensino Fundamental, 1º ano, matemática, posição da habilidade no componente curricular”.

	EDUCAÇÃO INFANTIL (EI)			ENSINO FUNDAMENTAL (EF)									ENSINO MÉDIO (EM)			COMPETÊNCIAS GERAIS	
	1	2	3	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3		
O eu, o outro e o nós EO																	COMPETÊNCIAS GERAIS
Corpo, gestos e movimentos CG																	
Traços, sons, cores e formas TS																	
Escuta, fala, pensamento e imaginação EF																	
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações ET																	
ARTE AR																	
CIÊNCIAS CI																	
EDUCAÇÃO FÍSICA EF																	
ENSINO RELIGIOSO ER																	
GEOGRAFIA GE																	
HISTÓRIA HI																	
LÍNGUA INGLESA LI																	
LÍNGUA PORTUGUESA LP																	
MATEMÁTICA MA																	

↑
(EF01MA08)

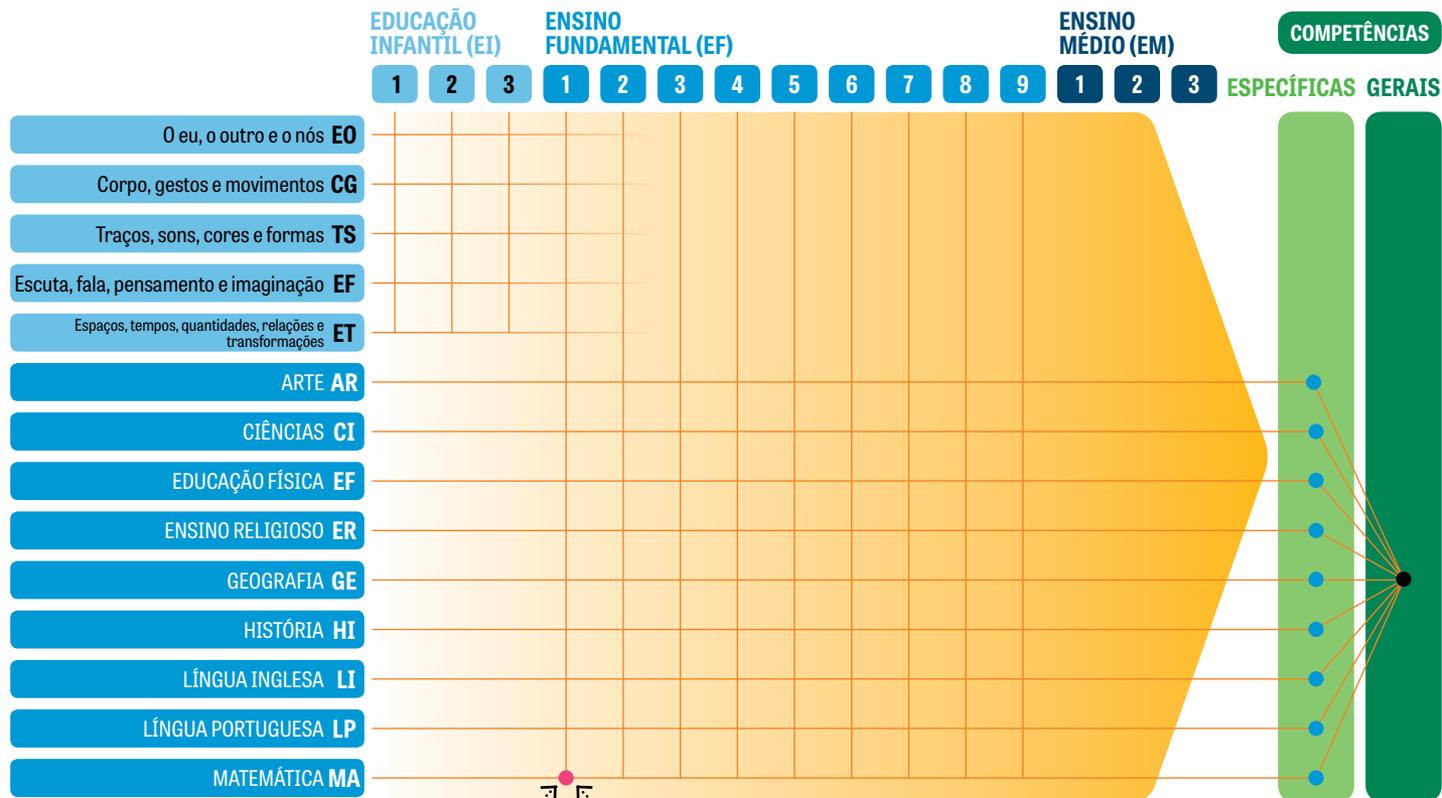
ENSINO FUNDAMENTAL

As competências específicas de cada área compõem um percurso que explicita como as competências gerais se expressam nas áreas e nos componentes curriculares.



ENSINO FUNDAMENTAL

À direita, um exemplo dessa progressão em matemática. O diagrama apresenta, para o 1º ano do Ensino Fundamental (EF01), o enunciado de três habilidades desse componente curricular, organizadas na BNCC pelos códigos EF01MA08, EF01MA09 e EF01MA10.



(EF01MA08)

Resolver e elaborar problemas de adição e de subtração, envolvendo números de até dois algarismos, com os significados de juntar, acrescentar, separar e retirar, com o suporte de imagens e/ou material manipulável, utilizando estratégias e formas de registro pessoais.

(EF01MA09)

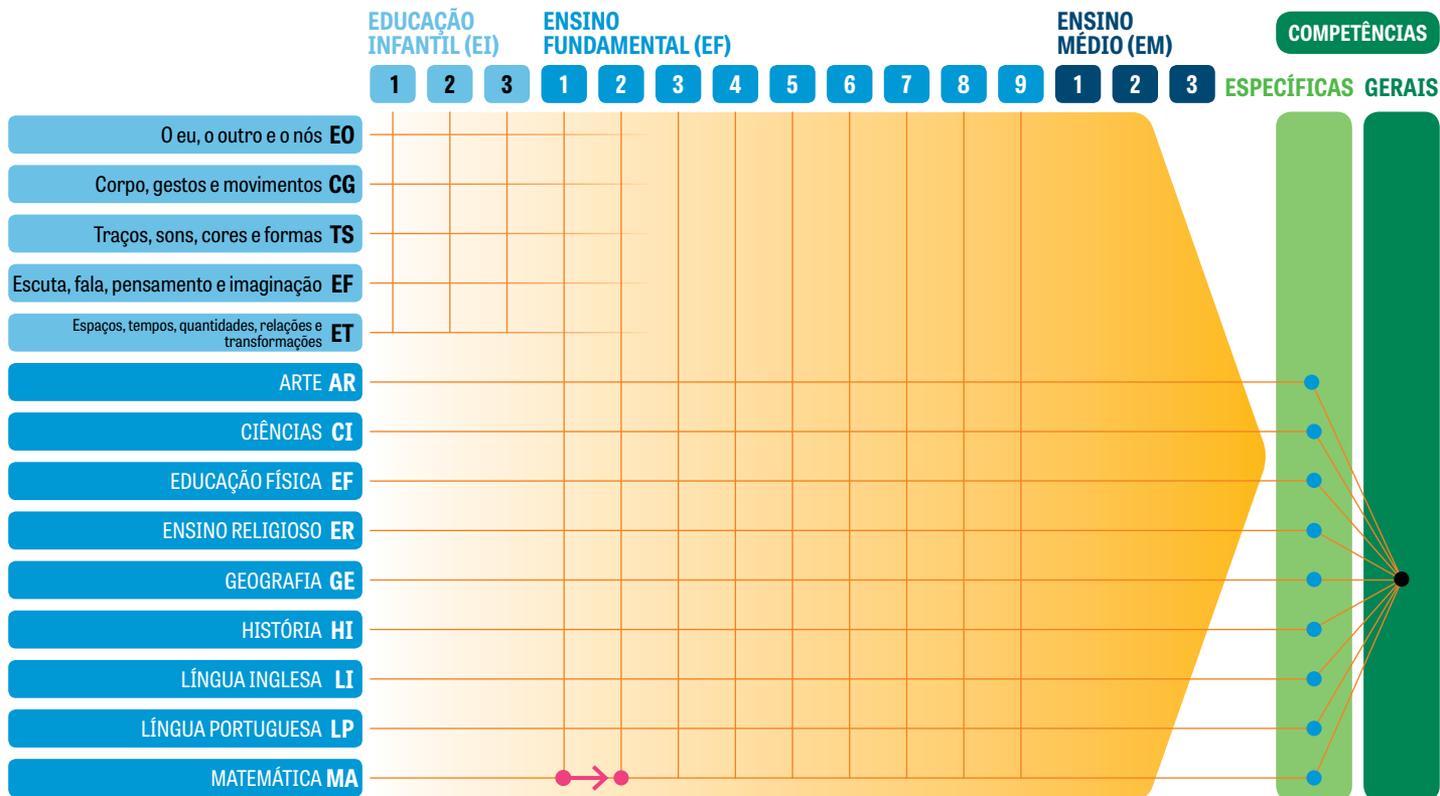
Organizar e ordenar objetos familiares ou representações por figuras, por meio de atributos, tais como cor, forma e medida.

(EF01MA10)

Descrever, após o reconhecimento e a explicitação de um padrão (ou regularidade), os elementos ausentes em sequências recursivas de números naturais, objetos ou figuras.

ENSINO FUNDAMENTAL

As habilidades tornam-se mais complexas ao longo da escolaridade, como mostram as duas imagens a seguir.

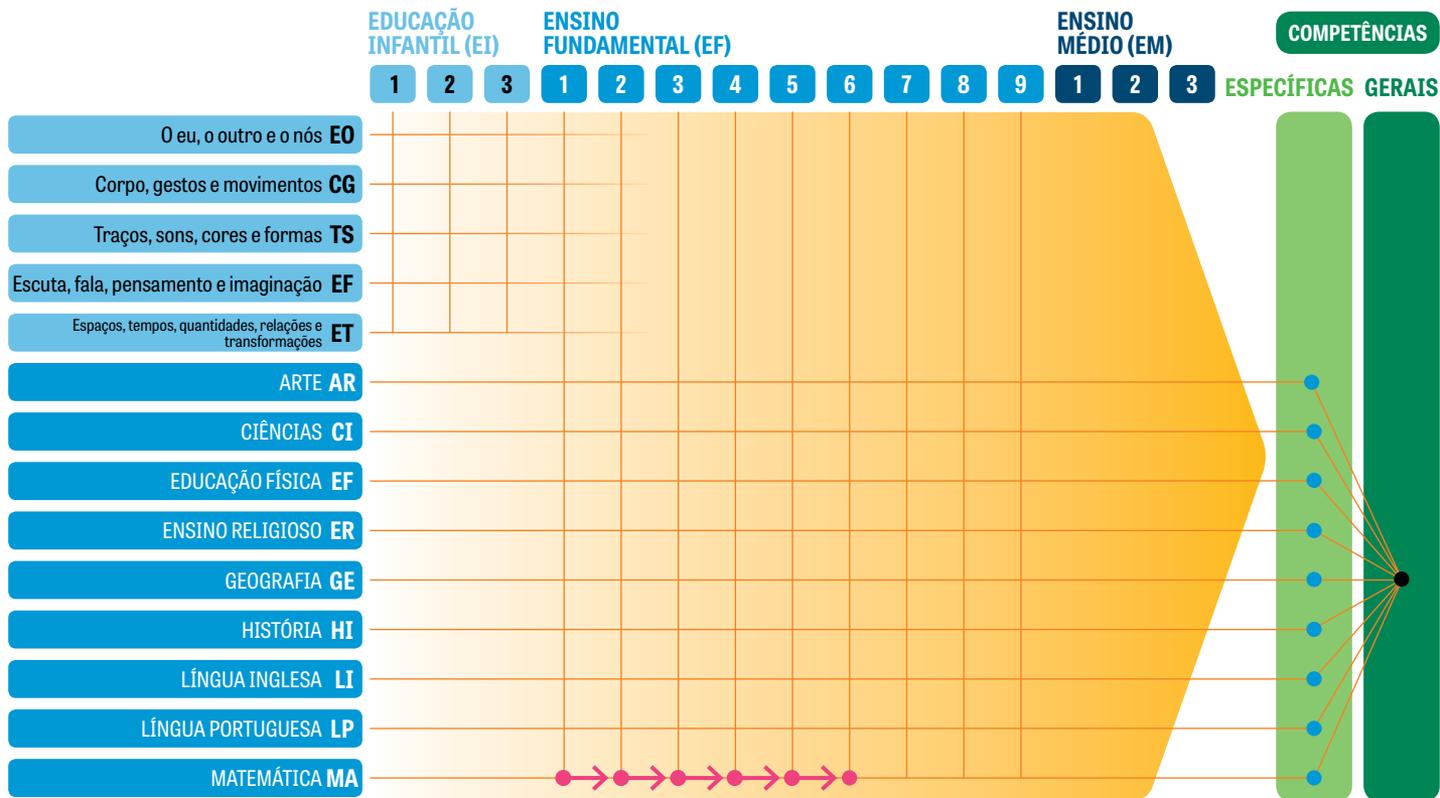


(EF01MA08)

Resolver e elaborar problemas de adição e de subtração, envolvendo números de até dois algarismos, com os significados de juntar, acrescentar, separar e retirar, com o suporte de imagens e/ou material manipulável, utilizando estratégias e formas de registro pessoais.

(EF02MA06)

Resolver e elaborar problemas de adição e de subtração, envolvendo números de até três ordens, com os significados de juntar, acrescentar, separar, retirar, utilizando estratégias pessoais ou convencionais.



(EF04MA03)

Resolver e elaborar problemas com números naturais envolvendo adição e subtração, utilizando estratégias diversas, como cálculo, cálculo mental e algoritmos, além de fazer estimativas do resultado.

(EF05MA07)

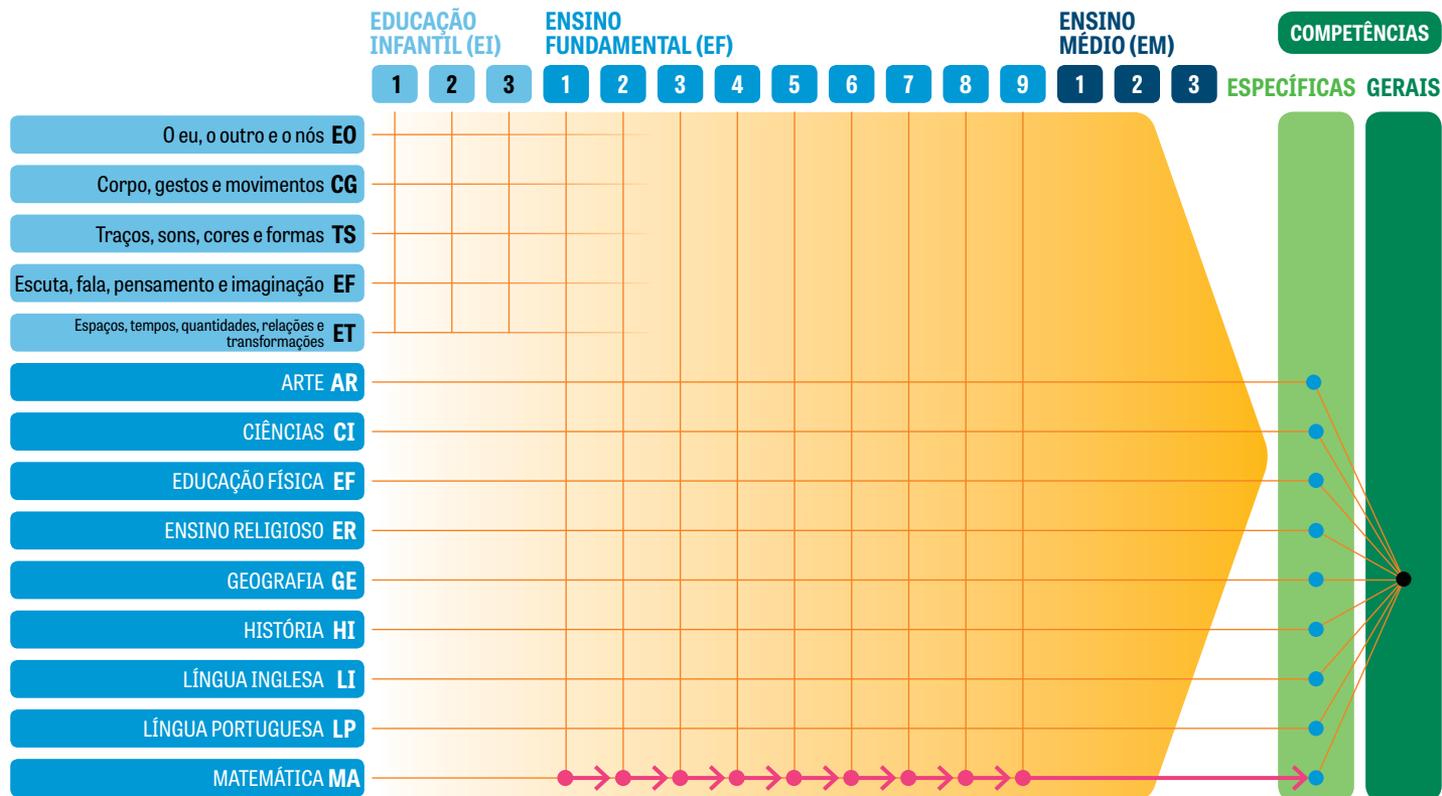
Resolver e elaborar problemas de adição e subtração com números naturais e com números racionais, cuja representação decimal seja finita, utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos.

(EF06MA03)

Resolver e elaborar problemas que envolvam cálculos (mentais ou escritos, exatos ou aproximados) com números naturais, por meio de estratégias variadas, com compreensão dos processos neles envolvidos com e sem uso de calculadora.

ENSINO FUNDAMENTAL

Como mencionado nas páginas 40-41, as progressões de habilidades convergem para competências específicas de áreas e de componentes curriculares.



Habilidade (EF09MA05)

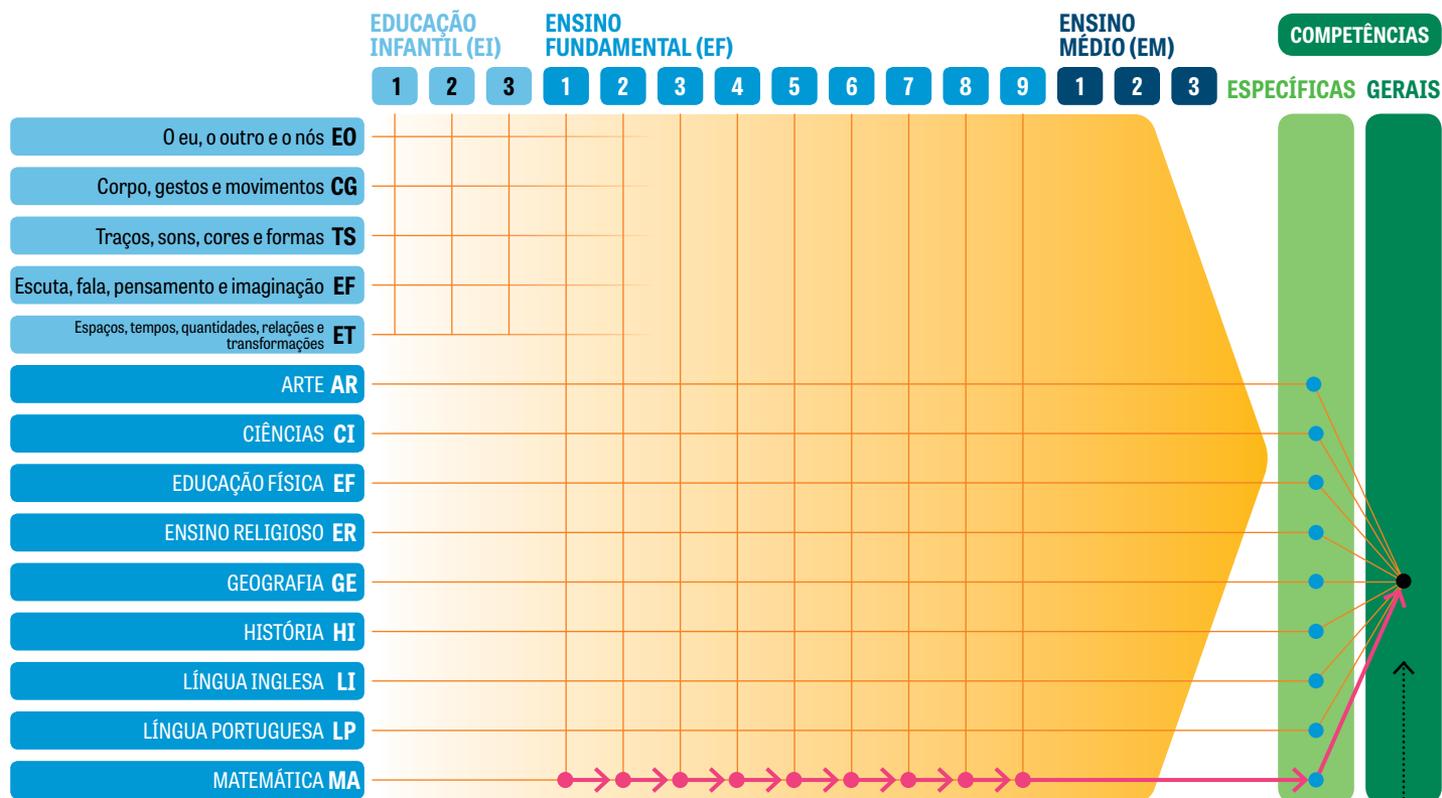
Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com a ideia de aplicação de percentuais sucessivos e a determinação das taxas percentuais, preferencialmente com o uso de tecnologias digitais, no contexto da educação financeira.

Competência específica da área de matemática

5. Utilizar processos e ferramentas matemáticas, inclusive tecnologias digitais disponíveis, para modelar e resolver problemas cotidianos, sociais e de outras áreas de conhecimento, validando estratégias e resultados.

ENSINO FUNDAMENTAL

**As competências específicas de áreas e de componentes curriculares,
por sua vez, convergem para competências gerais.**



Habilidade (EF09MA05)

Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com a ideia de aplicação de percentuais sucessivos e a determinação das taxas percentuais, preferencialmente com o uso de tecnologias digitais, no contexto da educação financeira.

Competência específica da área de matemática

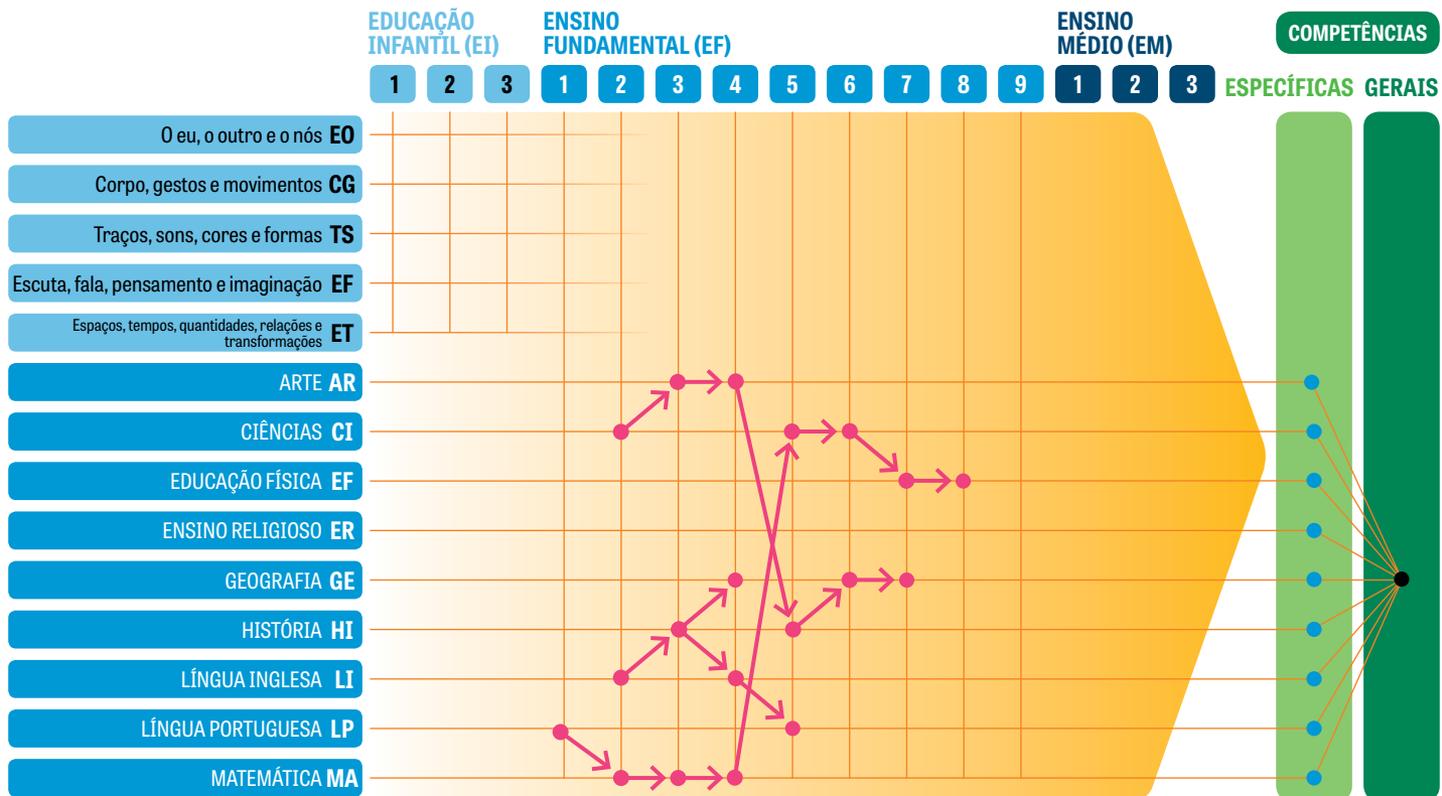
5. Utilizar processos e ferramentas matemáticas, inclusive tecnologias digitais disponíveis, para modelar e resolver problemas cotidianos, sociais e de outras áreas de conhecimento, validando estratégias e resultados.

Competência geral

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

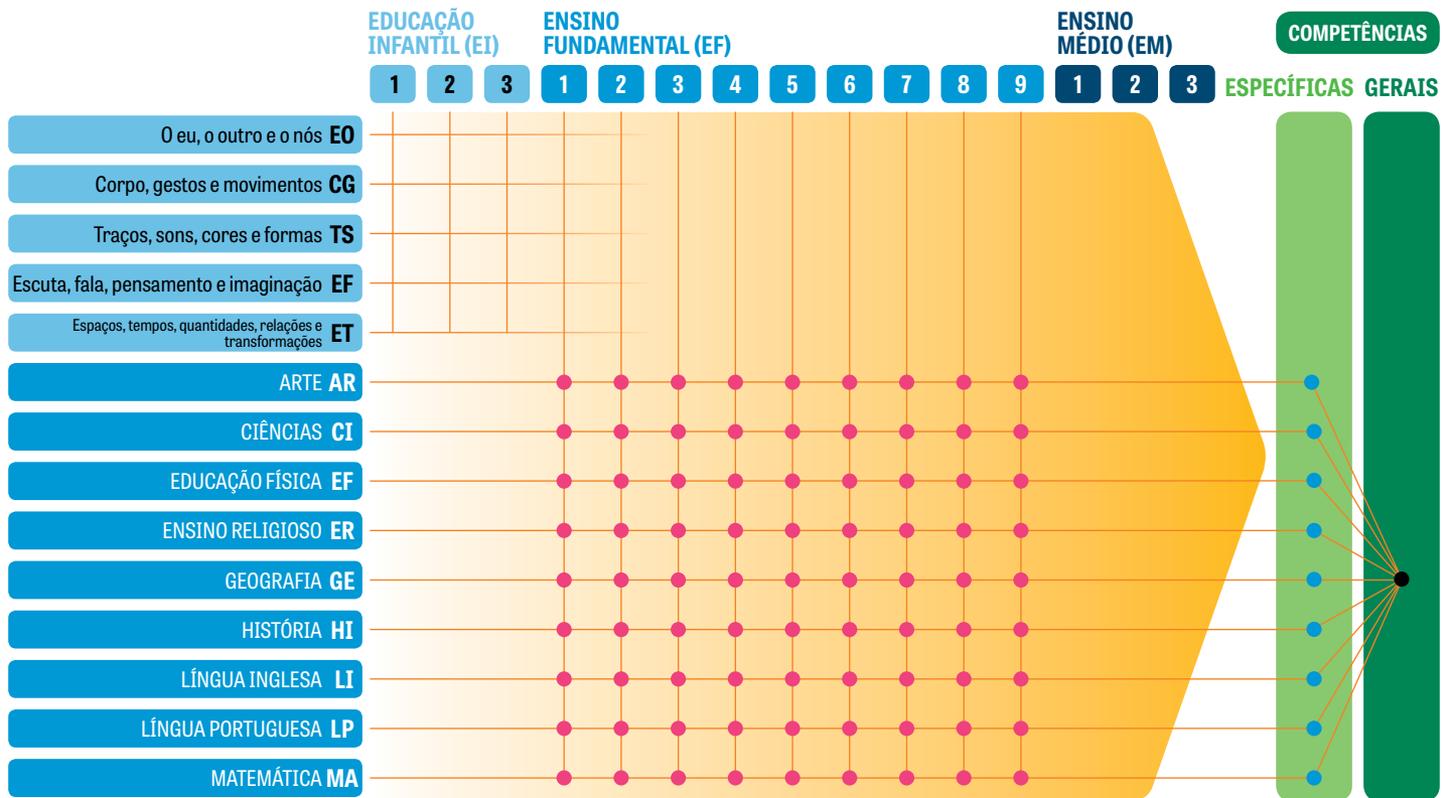
RELAÇÕES ENTRE COMPONENTES CURRICULARES

De outro lado, as progressões das habilidades não estão restritas a seu componente curricular: as habilidades de um componente se relacionam com as de outros, e todas contribuem para o desenvolvimento das competências. O diagrama à direita ilustra como se dão, no tempo, algumas dessas relações.



RELAÇÕES ENTRE COMPONENTES CURRICULARES

No Ensino Fundamental, são 1.303 habilidades, agrupadas em 81 conjuntos (nove componentes curriculares nos nove anos dessa etapa).



O papel dos sujeitos do ensino

Em suma, o que a BNCC aponta como direitos de aprendizagem se traduz em:

- ▶ 10 competências gerais;
- ▶ 117 objetivos de aprendizagem e desenvolvimento;
- ▶ 35 competências específicas de áreas;
- ▶ 49 competências específicas de componentes curriculares;
- ▶ 1.303 habilidades, agrupadas em 81 conjuntos.

No total, são 1.514 enunciados sobre aprendizagem e desenvolvimento!

Emerge, então, uma pergunta da maior importância: o que se espera dos professores, coordenadores e diretores em relação a esses enunciados?

Espera-se que tenham a aprendizagem dos estudantes como sentido de todas as suas atividades, que atuem coerentemente com as competências gerais e os princípios preconizados pela BNCC e que contribuam para a construção de um ambiente escolar em que se manifestem as competências gerais.

Dos professores, profissionais mais próximos do processo de ensino e aprendizagem, espera-se que, além do que já foi expresso, atuem tendo como referência as competências específicas de cada área do conhecimento e de cada componente curricular e que procedam de maneira fundamentada e reflexiva em sala de aula.

A correlação entre o que se espera dos estudantes e a atuação da dupla gestora será desenvolvida no próximo capítulo.

BNMG

E A GESTÃO ESCOLAR

A dupla composta por diretor e coordenador pedagógico, que aqui vamos chamar de dupla gestora, em **cooperação**, promove a dinâmica de trabalho na escola, gera oportunidades para que as melhores práticas sejam exercidas e atua como guardiã das ações que visam às aprendizagens e ao desenvolvimento de todas as crianças e jovens participantes da comunidade escolar. Neste capítulo, conversaremos sobre como nós, educadores, a depender de nossa atuação, podemos promover condições para que os estudantes tenham acesso a seus direitos em Educação, à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Desde a Constituição Federal de 1988, a Educação está assegurada como direito. O que compreendemos por esse direito? Direito de frequentar a escola? Direito de aprender o esperado para a idade? Esses direitos, ao longo dos últimos 30 anos, foram se concretizando em ações propositivas. Houve um grande investimento para que houvesse vaga para todas as crianças e jovens. Hoje, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad 2015/IBGE), há 93,5% matriculados, porém 2,8 milhões de crianças e jovens ainda estão fora da escola, muitos com idade entre 15 e 17 anos que, em algum momento, já estudaram, mas, em função de várias reprovações e de fatores como gravidez precoce, *bullying* e necessidade de trabalho, evadiram-se. Há também crianças pequenas em regiões de difícil acesso que permanecem fora das salas de aula. Não basta ofertar vagas; é necessária a permanência com qualidade na escola.

Foram tomadas, também, diversas ações para melhorar as condições de infraestrutura, a formação de professores, a compra de materiais. Todas essas ações já resultaram em avanços na aprendizagem dos estudantes do 1º ao 5º ano e têm de ser continuadas, mas é preciso muito mais.

COOPERAÇÃO

“Cooperar” significa operar, trabalhar em conjunto em busca de um resultado, de uma meta ou da realização de um projeto comum. Para que isso aconteça, deve haver empatia, integridade, democracia, diversidade, dignidade, compromisso ético e inclusão. Daí por que a cooperação promove a aprendizagem e o desenvolvimento de todos e de cada um. ♦ Na escola, cooperar é trabalhar em equipe para que todas as crianças e jovens aprendam e se desenvolvam e para que os educadores exerçam seu compromisso ético profissional e também aprendam continuamente enquanto ensinam.

A BNCC, prevista no Plano Nacional de Educação (PNE), é uma nova política para a melhoria da Educação, pois define o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos – crianças, jovens e adultos – têm **direito**. Além disso, ela vincula outras políticas para assegurar esse direito, como currículo escolar, formação de professores, avaliação, material didático e projeto político-pedagógico (PPP).

Por ser obrigatória, a BNCC pode induzir ações alinhadas e coerentes para estados, municípios, redes de ensino, escolas e salas de aula com a finalidade de formar cidadãos para o melhor desenvolvimento de cada pessoa e do país.

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).¹

A escola é um espaço onde inúmeras pessoas interagem com intencionalidades e responsabilidades definidas. Essa organização constitui um ambiente

1. BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários de Educação. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Brasília, 2017, p. 8.

de aprendizagem, cuja atmosfera pode propiciar uma vivência do que queremos como sociedade: um espaço de igualdade, acolhedor da diversidade, onde o conhecimento e as relações interpessoais favorecem a inserção e um olhar amplo para o que acontece no mundo.

A gestão escolar, ao assumir que a escola é esse espaço de aprendizagem, compreende também os estudantes como sujeitos com direitos de aprendizagem e desenvolvimento, como expresso na BNCC. Assumir direitos de aprendizagem é mais do que ter expectativas em relação ao que se aprende. Os estudantes têm direitos, e nós devemos ofertar condições para que eles aprendam e se desenvolvam. Isso muda nossa maneira de pensar, de agir, de ver, de escutar e, conseqüentemente, de planejar a gestão escolar.

Convidamos você, educador, a refletir sobre o papel dos gestores de uma escola que tem os estudantes como sujeitos centrais e ativos no desenvolvimento de competências como definido na BNCC. E perguntamos: o que será necessário ajustar ou implantar no cotidiano da escola para que os alunos desenvolvam as **competências gerais**, que se inter-relacionam e perpassam todos os componentes curriculares ao longo da Educação Básica? O que será necessário garantir na gestão escolar para assegurar os **direitos de aprendizagem** de todos e de cada um, explicitados nas dez competências da BNCC?

Certamente, há uma correlação direta entre o que somos e como agimos e entre nossa atuação e o modo de ser e de agir de nossas crianças e jovens. Se queremos que todos os estudantes desenvolvam tais competências ao longo da escolaridade, nós, educadores, precisamos colocá-las em prática no dia a dia. Valores e atitudes são aprendidos se vivenciados de maneira contínua e coerente. Por isso, nossa intenção aqui é analisar a correlação das dez competências gerais com nossa prática como educadores.

Como pensar, planejar e realizar as diferentes dimensões da gestão escolar tendo como referência as competências, especialmente no que se refere a valores?

Vamos analisar cada uma das competências gerais e observar alguns aspectos que impactam diretamente as ações da dupla gestora (diretor e coordenador

pedagógico) para que tenhamos uma prática análoga entre o que queremos que as crianças e jovens aprendam e o que ensinamos cotidianamente por meio de nosso modo de ser e de agir.

Também indicaremos algumas questões para reflexão, a fim de que a dupla gestora, de preferência com a equipe, possa analisar sua prática à luz de cada competência. As questões destacadas não esgotam todos os aspectos em torno das competências nem são prescritivas da prática escolar; estão aqui como convites a uma reflexão sobre o tema para provocar mudanças, quando oportuno, no ambiente escolar. Muitas ações não dependem única e exclusivamente da equipe gestora, mas essa dupla, em conjunto com a comunidade escolar, pode causar muitas mudanças!

Para cada competência, apresentaremos um quadro com seu enunciado original na BNCC, uma síntese, a indicação de uma palavra-chave, um comentário e algumas questões para reflexão sobre a atuação da gestão escolar e da gestão pedagógica.

COMPETÊNCIA 1 NA BNCC

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

SÍNTESE: Utilizar conhecimentos para entender a realidade e continuar aprendendo.

PALAVRA-CHAVE: Conhecimento

COMENTÁRIO: Essa competência tem em sua essência a aprendizagem e o conhecimento para que os estudantes possam entender a sociedade e intervir positivamente em sua construção. ♦ Como a gestão escolar assegura as condições necessárias para que os alunos tenham acesso aos conhecimentos, compreendam a realidade e continuem aprendendo?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ O corpo docente procura e/ou é incentivado a estar atualizado em relação aos conhecimentos da área?
- ▶ É possível acessar a internet para pesquisa, consulta de dados e busca de informações?
- ▶ Pessoas da comunidade são chamadas para conversar com os estudantes e contar suas histórias?
- ▶ A escola comunica as aprendizagens realizadas pelos alunos à comunidade, principalmente aos responsáveis, com murais, cartazes e outros meios, possibilitando, assim, o acompanhamento do percurso dos estudantes?
- ▶ O histórico da comunidade é considerado no projeto político-pedagógico da escola?
- ▶ O planejamento das atividades do ano letivo leva em conta o histórico da comunidade com o propósito de favorecer a ampliação do conhecimento?
- ▶ A escola tem biblioteca? Caso tenha, o acervo é de fácil acesso?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ Há intencionalidade para ampliar o repertório de conhecimentos para as crianças e jovens?
- ▶ Os conhecimentos trabalhados em sala de aula são utilizados para resolver problemas ou desenvolver novos modos de aprender?
- ▶ Pesquisar sobre diferentes temas é uma ação presente e constante?
- ▶ Há atenção para que os estudantes tenham uma postura de busca de conhecimento?
- ▶ Os alunos têm oportunidade de avaliar o que estão aprendendo?
- ▶ As aulas são planejadas para que os estudantes tenham consciência sobre o que, como e por que aprender?
- ▶ Há intencionalidade nas propostas em sala de aula para que os alunos debatam sobre o que aprendem?
- ▶ Existem espaços de formação para que professores da mesma área, que atuam no mesmo ano escolar ou segmento, reflitam sobre práticas inclusivas que propiciem a formação de indivíduos atuantes na sociedade?

COMPETÊNCIA 2 NA BNCC

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

SÍNTESE: Investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento científico, crítico e criativo

COMENTÁRIO: Essa competência tem em sua essência o desejo de aprender, de investigar, de criar, de conhecer e de ter meios para isso. ♦ Como a dupla gestora atua para criar um ambiente estimulante e propício à investigação e à reflexão?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ A dupla gestora, em conjunto com a comunidade interna e externa, procura saber as razões pelas quais determinadas ações têm sucesso e outras não?
- ▶ Diante de problemas vividos na escola, há busca de soluções criativas?
- ▶ O conselho de classe acompanha as aprendizagens dos alunos e realiza encaminhamentos para resolver problemas individuais e coletivos?
- ▶ Em reuniões de responsáveis, há diálogo sobre alternativas para a solução de problemas? Os estudantes são envolvidos para que se sintam corresponsabilizados nas tomadas de decisão?
- ▶ O clima institucional é marcado pela busca de soluções inovadoras para problemas recorrentes? Os alunos fazem parte desse processo?
- ▶ Há experimentação de novos caminhos que estimulam o engajamento de todos para criar um ambiente onde o conhecimento e a realização conjunta sejam a tônica da escola?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ A coordenação elabora pautas de trabalho e realiza reuniões de formação para que os professores estudem, investiguem e sejam criativos em suas propostas de aula?
- ▶ Asseguram-se condições para que os professores reflitam sobre a própria prática? Eles são reflexivos e críticos em relação à própria atuação?
- ▶ O coordenador pedagógico é parceiro do professor nas reflexões sobre as práticas realizadas nas aulas? Ele acompanha o trabalho do professor e dá devolutivas que auxiliem nos avanços necessários, estimulando a criticidade e a inovação?
- ▶ A coordenação orienta os professores a registrar suas aulas para refletirem sobre o que precisam alterar para melhorar suas práticas?
- ▶ A coordenação cuida, nos espaços de troca e formação, da importância de as aulas convidarem os alunos a participar das atividades de maneira ativa e com autonomia?
- ▶ Os planejamentos das aulas buscam que os alunos sejam solicitados a formular problemas, investigar, analisar, testar, formular hipóteses, argumentar?
- ▶ Elaboram-se projetos que possibilitem o desenvolvimento de formulação de hipóteses, interpretação de dados, avaliação de evidências?

COMPETÊNCIA 3 NA BNCC

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

SÍNTESE: Fruir manifestações artísticas e culturais e participar de práticas diversificadas de sua produção.

PALAVRAS-CHAVE: Repertório cultural

COMENTÁRIO: Essa competência reconhece a importância das artes na ampliação do repertório pessoal e de mundo. Conhecer formas de expressão diversas, apreciar as produções artísticas não só do entorno, mas também de outros lugares dentro e fora do país, reconhecer os próprios sentimentos em relatos ficcionais, ter acesso ao que a humanidade produziu de mais belo, refletir sobre as mudanças no conceito de beleza ao longo da história e sobre as relações entre arte e política, tudo isso afina nosso olhar e nossa percepção e amplia nossas possibilidades de vivenciar o mundo e nos relacionarmos com ele. ♦ Como a dupla gestora pode atuar para favorecer na escola um ambiente que valoriza as produções e experiências artísticas e socioculturais?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ A dupla gestora e o corpo docente conhecem o contexto sociocultural e econômico em que a escola está inserida?
- ▶ As características socioculturais se revelam no PPP? Permeiam o planejamento das atividades em sala e na escola?
- ▶ Abre-se espaço para que manifestações artísticas e culturais valorizadas pela comunidade aconteçam na escola?
- ▶ Há intenção e esforço para fazer com que as linguagens artísticas estejam presentes na escola?
- ▶ Os murais contêm produções dos alunos? Estão expostos informes sobre acontecimentos culturais locais?
- ▶ Os estudantes têm oportunidade de ouvir música, de participar de atividades de dança, de teatro?
- ▶ O calendário letivo considera momentos para que os alunos participem de saraus literários, exposições de arte, peças teatrais, entre outras linguagens artísticas?
- ▶ A escola tem espaço para apresentações? Caso não tenha, há alternativas na comunidade para realizá-las?
- ▶ Os pais e responsáveis são convidados para participar e/ou assistir a apresentações culturais e artísticas?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ Nas reuniões planejadas pela coordenação, há espaço para conversas sobre livros, filmes, documentários, peças teatrais e arte em geral?
- ▶ Nessas reuniões, são consideradas as diferentes culturas e visões de mundo?
- ▶ Há incentivo aos educadores para que participem dos eventos culturais?
- ▶ A equipe escolar valoriza as manifestações artísticas e culturais?
- ▶ Os professores são orientados a fazer com que os alunos expressem seus sentimentos, ideias, histórias por meio de diferentes modalidades culturais e artísticas?

COMPETÊNCIA 4 NA BNCC

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

SÍNTESE: Empregar diferentes linguagens.

PALAVRA-CHAVE: Comunicação

COMENTÁRIO: Essa competência nos coloca o desafio de fazer da comunicação uma forma de compartilhamento de sentido. Como compartilhamos informações, experiências e sentimentos, nos fazemos entender e consideramos o outro, tendo uma escuta real? E não só pela palavra falada, mas também pelas outras linguagens a nossa disposição. O desafio aqui é estabelecer empatia e sair do registro do discurso verbal como único meio de comunicação. ♦ Como a dupla gestora pode atuar para favorecer na escola um ambiente que valoriza o acesso e o uso de diferentes linguagens?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ A dupla gestora se comunica de maneira clara e frequente com a equipe escolar e com a comunidade?
- ▶ Busca-se utilizar diferentes linguagens para melhorar a comunicação e torná-la mais interessante?
- ▶ Além de comunicados por escrito, utilizam-se outras formas de comunicação?
- ▶ São usadas ferramentas como Facebook, Instagram e WhatsApp para publicar e compartilhar notícias da escola?
- ▶ Há transparência quanto às razões pelas quais se tomam decisões que interferem na vida dos estudantes, professores e funcionários?
- ▶ Valoriza-se o que cada integrante da escola diz, de modo a estimular a empatia e a compreensão mútua?
- ▶ As reuniões de pais e responsáveis são planejadas para que todos possam expressar seus sentimentos, experiências e ideias? Acontecem com regularidade?
- ▶ A pauta das reuniões é propositiva ou só trata de problemas?
- ▶ O diálogo é uma prática frequente na escola? Realizam-se reuniões regulares com os diferentes segmentos para tomadas de decisão em prol da aprendizagem dos alunos?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ A coordenação promove situações em que os professores possam expressar suas ideias? Há uma escuta atenta para levantar as necessidades de formação do grupo?
- ▶ Há preocupação em ouvir e considerar a visão de todos os envolvidos antes de tomar decisões que impactarão a vida dos estudantes, professores e funcionários?
- ▶ O diálogo e a argumentação estão presentes nas reuniões planejadas pela coordenação?
- ▶ Nessas reuniões, discute-se a necessidade de criar um clima em sala de aula para que todos os estudantes tenham liberdade e tranquilidade de se expor?
- ▶ As aprendizagens são comunicadas aos pais e responsáveis de modo que possam valorizar e acompanhar o processo de desenvolvimento dos estudantes?
- ▶ As aulas são planejadas para favorecer a escuta e o diálogo? Possibilitam que os alunos expressem suas ideias, opiniões, emoções com clareza e precisão?
- ▶ É discutida com os professores a necessidade de conhecer e respeitar as formas de comunicação contemporâneas e de usá-las no processo de ensino e aprendizagem?

COMPETÊNCIA 5 NA BNCC

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

SÍNTESE: Compreender, usar e criar tecnologias de informação.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura digital

COMENTÁRIO: Essa competência tem relação com uma demanda muito presente na contemporaneidade: a de se comunicar por diversos meios digitais, navegar por diferentes linguagens. Hoje nos comunicamos o tempo todo, e a linguagem escrita não está mais restrita a círculos formais. ♦ Como a escola pode fazer uso dos vários meios de maneira produtiva e respeitosa e estimular uma comunicação que promova o entendimento mútuo?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ A dupla gestora utiliza tecnologias digitais para a realização do trabalho?
- ▶ A gestão escolar faz uso de sistemas digitais que geram relatórios comparativos, com série histórica, para auxiliá-la na análise dos dados e nas tomadas de decisão?
- ▶ Emprega essas informações para realizar o controle de presença dos alunos e da equipe escolar, o acompanhamento das aprendizagens, a organização da grade curricular, entre outras possibilidades?
- ▶ Há computadores disponíveis para professores e estudantes?
- ▶ Nas reuniões com os docentes, bem como com os responsáveis, a relevância da tecnologia no mundo atual é debatida?
- ▶ São discutidos o uso das redes sociais e os cuidados necessários para evitar invasão de privacidade?
- ▶ Há diálogo com os responsáveis sobre formas de ajudar seus filhos na construção de hábitos saudáveis quanto ao uso da tecnologia e das redes sociais?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ A coordenação emprega recursos tecnológicos diversos no planejamento e nas reuniões pedagógicas?
- ▶ Utiliza meios digitais para acompanhar as práticas pedagógicas?
- ▶ Faz uso de plataformas digitais para manter contato e fomentar reflexões constantes com a equipe docente?
- ▶ Nas reuniões pedagógicas, usam-se informações textuais, vídeos, ilustrações, fotos, livros etc. encontrados nos meios digitais e na internet?
- ▶ Os professores são estimulados a utilizar recursos digitais em sala de aula?
- ▶ O planejamento das aulas inclui ações para que os alunos possam interagir, acessar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas com o uso de recursos digitais?
- ▶ Há especial atenção para que todos da comunidade escolar utilizem as redes sociais de maneira crítica e ética?
- ▶ A equipe pedagógica e os alunos construíram normas/regulamentos para o uso ético da comunicação?

COMPETÊNCIA 6 NA BNCC

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

SÍNTESE: Entender relações no trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao projeto de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho e projeto de vida

COMENTÁRIO: Essa competência aborda nossa liberdade de escolha e a maneira pela qual queremos nos inserir no mundo, em relação tanto a como agimos na convivência social quanto aos planos e às decisões que afetam nossa vida. ♦ O que a dupla gestora pode fazer para promover na escola um ambiente favorável ao desenvolvimento do senso de responsabilidade de educadores e alunos? Como pode estimular a consciência de todos sobre as implicações de suas escolhas?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ Diante de dados que indicam a não aprendizagem pelos alunos, a dupla gestora age com consciência crítica e responsabilidade? Com quem dialoga? Quais recursos busca? Com quem pode contar?
- ▶ A dupla gestora estabelece metas e prazos responsáveis no planejamento?
- ▶ Procura apropriar-se de novos conhecimentos e experiências para atuar melhor na escola?
- ▶ Favorece o exercício da autonomia a todos os integrantes da equipe escolar?
- ▶ Nas reuniões gerais, no conselho escolar e no conselho de classe, discute-se a responsabilidade de todos em gerar condições para que os estudantes aprendam e se desenvolvam?
- ▶ Como a escola apoia os responsáveis na construção de um projeto de vida para seus filhos?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ Os professores são estimulados a investir nos próprios projetos de vida?
- ▶ Nas reuniões de coordenação, há troca de experiências, definição de planejamento e estabelecimento de metas?
- ▶ A coordenação promove práticas para que os professores tenham acesso a conhecimentos e experiências que colaborem para que atuem com autonomia em suas aulas?
- ▶ Há regularidade e presença dos professores nas reuniões de coordenação?
- ▶ A coordenação realiza acompanhamento e observação para auxiliar os professores em suas práticas, de modo que eles possam ter consciência crítica sobre a própria atuação e assumir com maior consciência a responsabilidade pela aprendizagem e desenvolvimento dos alunos?
- ▶ Incentiva-se um professor a assistir à aula de outro para que eles possam debater e identificar a melhor maneira de conduzir algumas atividades em aula em função das metas estabelecidas?

COMPETÊNCIA 7 NA BNCC

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

SÍNTESE: Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis.

PALAVRA-CHAVE: Argumentação

COMENTÁRIO: Essa competência reconhece a importância de sabermos apresentar nossas ideias e sustentar um debate que considere fatos e busque a coerência com nossas ações e posicionamentos. Implica ainda um conhecimento das questões que nos afetam como humanidade e uma reflexão sobre elas. ♦ Como a dupla gestora atua para manter na escola um ambiente no qual os temas da contemporaneidade se façam presentes e que seja propício ao debate e à troca de ideias?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ A gestão escolar busca, com base em fatos, encaminhamentos para a resolução de conflitos entre os diversos atores da escola?
- ▶ Como argumenta e encaminha com os responsáveis as necessidades de resolução de conflitos?
- ▶ Quando há divergência de pontos de vista sobre determinada situação, a dupla gestora procura respeitar as opiniões e encaminhá-las de modo assertivo, dando espaço para a argumentação dos envolvidos e valorizando-a?
- ▶ Há evidências da atenção da escola às questões ambientais, como cuidado com o uso da água, seleção de lixo e reaproveitamento de materiais?
- ▶ A dupla gestora promove debates bem fundamentados na escola sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)? Busca atuar de maneira a cumpri-los?
- ▶ A escola realiza debates com os alunos para compreensão e resolução de problemas ou criação de projetos que afetem todos diretamente?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ As reuniões planejadas pela coordenação evidenciam uma concepção que busca incluir a participação de toda a equipe docente?
- ▶ A coordenação e a direção estimulam os docentes a defender seus pontos de vista com argumentos sólidos?
- ▶ São planejados e realizados, com os docentes, seminários, debates, rodas de conversa que favoreçam o desenvolvimento profissional da argumentação?
- ▶ Em analogia ao desenvolvimento profissional, o planejamento das aulas evidencia uma concepção em que a participação dos alunos é esperada de maneira constante?
- ▶ A coordenação estimula que o planejamento das aulas propicie situações em que os alunos deem suas opiniões e argumentem de maneira clara e compreensível sobre diferentes temas e conteúdos?

COMPETÊNCIA 8 NA BNCC

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

SÍNTESE: Cuidar da própria saúde física e emocional.

PALAVRAS-CHAVE: Autoconhecimento e autocuidado

COMENTÁRIO: Refletir sobre nossos atos e as consequências deles, ponderar sobre o que foi adequado e inadequado e imaginar o que poderia ter sido melhor são práticas necessárias em nosso dia a dia para que possamos nos desenvolver como pessoas que vivem em sociedade. Conhecer e respeitar as próprias necessidades e as dos outros faz com que nos relacionemos de maneira saudável. ♦ Como a dupla gestora pode estimular um ambiente que valorize o cuidado consigo mesmo e com os outros?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ A dupla gestora conversa sobre encaminhamentos realizados que não puderam ser definidos conjuntamente?
- ▶ Há a consciência de tratar todos com cuidado e respeito? Chamar os alunos, professores e funcionários pelo nome, por exemplo, é um princípio da escola?
- ▶ Prevalece o cuidado de dar mais atenção a quem está com demandas mais prementes?
- ▶ Existe a preocupação em abordar algumas possíveis inadequações no tratamento interpessoal (aluno-aluno, professor-aluno, professor-professor, professor-funcionário, pais-professor, diretor-coordenador etc.)?
- ▶ Os equipamentos da escola estão bem cuidados? Os banheiros são limpos, e os brinquedos, consertados? A merenda é bem servida? Como são a iluminação e a ventilação?
- ▶ A manutenção da escola é feita com zelo e planejamento?
- ▶ A organização dos documentos da escola reflete o cuidado e a responsabilidade com os alunos?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ Nas reuniões pedagógicas, as necessidades e os interesses individuais dos estudantes são debatidos?
- ▶ A coordenação sabe se os professores tratam os alunos pelo nome?
- ▶ Recomenda-se aos professores estimular nos alunos atitudes de coragem e empenho para enfrentar desafios?
- ▶ Há orientação para que os professores reconheçam em si e nos estudantes os momentos de maior fragilidade emocional?

COMPETÊNCIA 9 NA BNCC

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

SÍNTESE: Dialogar e resolver conflitos sem preconceitos de qualquer natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia e cooperação

COMENTÁRIO: Essa competência aborda uma necessidade muito premente hoje de buscar modos pacíficos e respeitosos de conviver. Divergências e conflitos existem, mas é a maneira de lidarmos com eles que define a qualidade de nossa convivência. ♦ Como a dupla gestora atua para promover um ambiente de valorização da diversidade humana e para criar espaços de diálogo entre os diferentes grupos e opiniões?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ O clima institucional é de cooperação, colaboração, busca de resolução de conflitos e trabalho em equipe?
- ▶ São planejadas ações para a melhoria do clima escolar?
- ▶ Há planejamento de situações nas quais as relações e as interações entre alunos, professores, funcionários e familiares ocorram de modo respeitoso e acolhedor, contemplando todos e cada um?
- ▶ A atitude da dupla gestora é de reconhecimento e valorização da diversidade?
- ▶ O diretor e o coordenador se colocam no lugar do outro para compreender seu ponto de vista?
- ▶ O PPP da escola é realizado em equipe, de maneira planejada e colaborativa? É compartilhado com os responsáveis para que possam opinar, comentar e fazer proposições?
- ▶ A dupla gestora dialoga diretamente com os alunos quando ocorrem situações de desrespeito entre os participantes do universo escolar?
- ▶ A equipe escolar debate coletiva e democraticamente sobre como abordar problemas de indisciplina, furtos, violência, assédio moral e sexual, drogas, *bullying*?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ São organizados momentos de planejamento coletivo de modo a evidenciar a necessidade de compromisso e cooperação de toda a equipe docente?
- ▶ Um professor colabora com outro em momentos de dificuldade? Eles são incentivados e contam com as condições institucionais para isso?
- ▶ O coordenador pedagógico é atento ao grupo e traz contribuições em função das necessidades e interesses individuais dos professores? O mesmo ocorre entre os docentes?
- ▶ Os professores são orientados a estimular o diálogo tanto em situação de estudo como de conflito entre os alunos?
- ▶ No intervalo entre as aulas, no recreio, em passeios ou festas, o diálogo, a negociação de decisões e o respeito às regras de convivência são instigados?
- ▶ A coordenação orienta os professores para a tomada de posição não discriminatória diante de situações de preconceito contra raça, etnia, nível econômico ou religião?

COMPETÊNCIA 10 NA BNCC

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

SÍNTESE: Agir com autonomia tomando decisões de acordo com princípios éticos.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade e cidadania

COMENTÁRIO: Assumir a responsabilidade pelos próprios atos nem sempre é simples. É comum procurarmos culpados e reagirmos mal a questionamentos e críticas. Essa competência aborda nosso compromisso com nossas ações e a busca de uma coerência com princípios éticos. ♦ Essa questão faz parte da pauta de trabalho da dupla gestora com a equipe docente? O clima escolar valoriza a transparência, a autonomia e o debate?

GESTÃO ESCOLAR

- ▶ O Regimento Comum Escolar evidencia os direitos e deveres dos alunos, considerando o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade, valores e cidadania?
- ▶ Os estudantes participaram da elaboração do regimento? O documento foi compartilhado com todos os alunos, pais, funcionários e professores?
- ▶ As regras e normas escolares são respeitadas por todos os integrantes da comunidade escolar e revisadas periodicamente?
- ▶ As regras e normas estão em um quadro/mural/folheto de fácil acesso a todos?
- ▶ A dupla gestora gera o melhor ambiente possível para que os professores ofereçam um ensino de melhor qualidade?
- ▶ A dupla gestora atua com responsabilidade, persistência e resiliência diante dos problemas enfrentados diariamente?

GESTÃO PEDAGÓGICA

- ▶ Há flexibilidade para mudanças de rota em planejamentos iniciados e tomadas de decisão coletivas?
- ▶ Os professores são orientados a gerar situações de aprendizagem em que os alunos sejam estimulados a agir com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação?
- ▶ Nas reuniões organizadas pela coordenação, debatem-se os princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários na formação dos alunos? E nos planejamentos dos professores, há essa intencionalidade?
- ▶ Recomenda-se aos professores fazer combinados com os alunos que propiciem um bom funcionamento das aulas?

Até este ponto tratamos de questões que envolvem o posicionamento e a atitude da dupla gestora na promoção de um clima institucional marcado pelo respeito, pela valorização da diversidade, da autonomia e da confiança na aprendizagem de todos. Falamos de algumas condições que o diretor e o coordenador pedagógico podem gerar para criar um ambiente propício e seguro na escola, em cada sala de aula, visando ao desenvolvimento de estudantes e professores.

O cuidado, o respeito, a empatia e a confiança na capacidade do outro – para citar apenas alguns princípios – devem estar presentes nas relações entre todos os atores. É no contexto da sala de aula, na relação entre professor e aluno e entre alunos, que geramos boa parte das aprendizagens definidas como direitos na BNCC. Embora a atuação do professor não se dê de maneira isolada das condições institucionais destacadas anteriormente, ela merece ser vista com muita atenção a fim de que o diretor e o coordenador entendam o que precisa ser assegurado para que cada um possa aprender. É em prol desse resultado que todos os atores se organizam e se articulam.

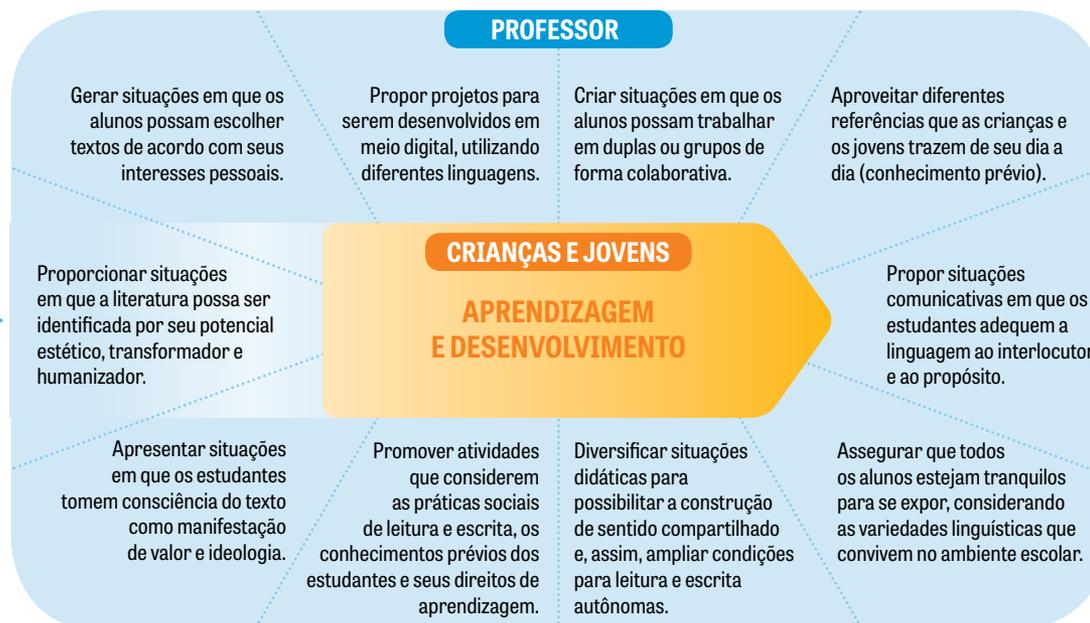
Dois exemplos em sala de aula

Destacamos a seguir dois exemplos de práticas em sala de aula implementadas com base nas competências específicas do componente curricular – aqui matemática e língua portuguesa – em consonância com as competências gerais.

Algumas práticas em aulas de matemática que potencializam competências específicas dessa área



Algumas práticas em aulas de língua portuguesa que potencializam competências específicas desse componente curricular



Com esses dois exemplos, esperamos evidenciar como a abordagem do desenvolvimento de competências pode levar o professor a refletir sobre cada situação de aprendizagem e, assim, tornar mais intencional e consciente o desenvolvimento das competências.

Não se pretende aqui encerrar a discussão, pelo contrário – o próximo capítulo, no qual reproduzimos uma conversa entre Tereza Perez, organizadora desta publicação, e Lino de Macedo, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), é um convite ao leitor para ampliar a reflexão sobre sua prática e as possibilidades de planejamento e desenvolvimento das atividades na escola.

UMA CONVERSA SOBRE COMPETÊNCIAS

Este capítulo reproduz um diálogo entre a diretora-presidente da Comunidade Educativa CEDAC, Tereza Perez, idealizadora e coautora desta publicação, com Lino de Macedo, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), assessor do Instituto Pensi e da Fundação José Luiz Egydio Setúbal, e especialista em Jean Piaget, com intervenções da jornalista Carolina Glycerio. Para ampliar a reflexão sobre a concepção de competência, suas formas de uso e repercussões no discurso e na prática pedagógica, os dois especialistas abordam os desafios de educar diante de um futuro incerto e a necessidade ética de garantirmos a **equidade** neste mundo mutante, em que cada um deve assumir a gestão da própria aprendizagem.

Tereza Perez (TP): A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define competência como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. Queria que você comentasse isso de maneira ainda bem abrangente, para depois tratarmos dessa abordagem segundo a BNCC.

Lino de Macedo (LM): De um jeito simplificado, eu separei competência de habilidade, comparando-as com um texto escrito. Competência é a frase toda, o texto inteiro. Habilidade refere-se aos verbos – por exemplo, “identificar”, “antecipar”, “ler”, “substituir”, “argumentar”, “incluir”... A habilidade é o domínio desses verbos enquanto formas de procedimento, enquanto um “como fazer”. Nesse sentido, pode-se pensar “ler” como competência ou como habilidade, de

EQUIDADE

Trabalhar em busca da equidade significa adaptar as regras e as condições materiais e emocionais às necessidades e possibilidades de cada um, identificando o que é comum e o que é específico. É proporcionar ações diferenciadas em busca da igualdade de oportunidades e do direito de aprender, promovendo o desenvolvimento de todos com base em um repertório comum que se diversifica e se amplia conforme a necessidade de cada indivíduo que compõe o grupo.

- ◆ O papel da escola é gerar condições para que todos aprendam, e o da rede de ensino, possibilitar que as escolas contribuam significativamente para a aprendizagem das crianças e dos jovens. São conceitos próximos ao de equidade: dignidade, honestidade, honradez, imparcialidade, justiça.

acordo com o contexto. A habilidade diz respeito à leitura do enunciado para poder decidir sobre a melhor resposta. De outro lado, ler é uma forma de interpretar o mundo, de compreendê-lo. É uma competência, portanto. No computador, sabemos ler o que escrevemos ou o que está escrito na tela, mas nem sempre lemos, nem sempre sabemos traduzir em procedimentos o texto proposto pelo programa em suas diversas caixas. Por exemplo: se no aplicativo está escrito “inserir” imagem ou clip-art, nem todos sabemos como realizar isso na página que estamos escrevendo. Isso é difícil, pois se trata de traduzir uma leitura em um comportamento que expressa um saber fazer. Daí ser comum não utilizarmos todos os recursos previstos por um programa de computador, pois não sabemos recorrer a seus operadores.

Então, uma coisa é ler como habilidade, no sentido de saber interpretar ou atribuir significado, na prática, a procedimentos ou modos de realização, o que acontece quando procuramos o significado de uma palavra no dicionário. Outra coisa é a capacidade de leitura crítica do mundo, leitura de gestos, do momento ou do contexto, em suas diversas possibilidades de significação – temos dificuldade para ler contextos. Em síntese, habilidade significa, na prática, saber compreender e realizar termos identificados como verbos: “relacionar”, “reconhecer”, “comparar”... Quando dizemos “reconheça”, o que o aluno entende e faz? No caso da leitura enquanto competência, importa considerar a relação entre as palavras, os conectivos que as vinculam de um modo ou de outro; importam o conteúdo e o contexto; importam quem lê e o que é lido.

TP: Sim, porque não é possível desenvolver habilidade e competência se não houver um conteúdo em determinado contexto.

LM: Exatamente. Então, por exemplo, habilidade é saber comparar. Quando comparamos, prestamos atenção a semelhanças e diferenças. Existem habilidades mais complexas, que envolvem muitos procedimentos, implicam seguir uma ordem, levar em conta objetivos ou metas a serem alcançados a médio ou longo

prazo, e outras mais simples. Usando novamente o exemplo do ler, podemos reduzir ler a identificar um sinal gráfico ou uma imagem ou, então, considerá-lo em um sentido sofisticado, que supõe a capacidade de interpretar, de criticar, de seguir uma argumentação ou de tirar uma conclusão. Por isso, há gradações tanto na extensão como na profundidade do uso das habilidades, no contexto de realização de um projeto pedagógico.

TP: A BNCC estabelece que as aprendizagens “devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento”.

LM: O que é direito de aprendizagem? O que significa a palavra “direito”? Veja: se você pensa em uma perspectiva adulta, social, jurídica, direito implica, como contrapartida, deveres. Ou seja, nessa visão, quem tem direitos também tem deveres; ganhar um direito supõe, ao mesmo tempo, assumir responsabilidades. Mas o mesmo não ocorre quando consideramos a perspectiva das crianças, de seus processos de desenvolvimento ou de aprendizagem. Direito, nesse caso, significa necessidade. As crianças têm necessidade, por exemplo, de ganhar auto-dependência, isto é, de progressivamente tornar-se independentes dos cuidados dos adultos. Trata-se de sair da dependência externa e ganhar dependência interna. Por quê? A criança tem necessidades de desenvolvimento ou de aprendizagem. Quando novinha, é o adulto quem cuida ou quem a ajuda a cuidar de seu “xixi e cocô”; é ele quem lhe dá comida, zela por sua saúde, provê suas necessidades básicas. Crescer ou desenvolver-se, nesse caso, significa que a criança vai, pouco a pouco, aprendendo a cuidar de si mesma, a gerir suas necessidades. Daí que, segundo penso, direito de aprendizagem na perspectiva da criança é o mesmo que direito de ser suprida em suas necessidades e poder ganhar, paulatinamente, autonomia, ou seja, adquirir competências e habilidades para cuidar de si e recursos para conhecer os conteúdos ensinados na escola, aprender a conviver e respeitar os outros e a si mesma.

Dentre as necessidades ou direitos de aprendizagem de todas as crianças, hoje, está, para citar o mesmo exemplo do início desta conversa, saber ler e escrever. No século 19, não era necessário que todas as pessoas soubessem ler e escrever. Algumas, sim, e não por acaso aquelas que tinham liderança ou poder sobre as outras – mas não todas. E se considerava bom que elas não soubessem ler e escrever, pois isso aumentava sua dependência social e econômica em relação às que dominavam bem tais habilidades e competências. Hoje, porém, ler e escrever tornou-se uma necessidade, um direito de todas as pessoas, porque, em um mundo cada vez mais presidido por tecnologias oriundas do conhecimento científico, ler e escrever são, igualmente, necessidades individuais e sociais. Daí que a Educação Básica é uma necessidade social. Por quê? As profissões ganharam tal complexidade que, no mínimo, é preciso ter de uma boa Educação Básica. Trata-se de uma necessidade pessoal, tanto que você vê, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), pais interessados em que seus filhos aprendam, e eles mesmos também querendo aprender, porque sabem o preço que pagam por serem analfabetos.

TP: Gostaria de tratar agora do direito de aprendizagem e desenvolvimento. Por que aprendizagem e desenvolvimento e não só aprendizagem?

LM: É comum confundirmos aprendizagem com desenvolvimento. Desenvolvimento significa transformação de estrutura, ou seja, que a criança ou o adolescente dispõem agora de uma nova e mais potente maneira de compreender e realizar as coisas. Por exemplo, para aprender a ler e escrever minimamente bem, para se tornar um bom leitor, é preciso desenvolver uma nova estrutura de pensamento ou inteligência, entendendo por estrutura formas organizadas de se relacionar com o mundo. Desenvolvimento supõe mudança e integração de estruturas físicas, cognitivas, sociais ou emocionais, tem a ver com mudanças estruturais. Aprendizagem diz respeito a aquisição. Nesse sentido, é possível aprender muitas coisas, todas elas restritas a uma mesma estrutura. No entanto, dependendo do modo como se aprende, do contexto em que se aprende,

a aprendizagem pode influir nos processos de desenvolvimento, por prover ou exigir novas e melhores estruturas.

TP: Aprendizagem e desenvolvimento estão muito vinculados. Um não vive sem o outro?

LM: Sim, porém, como mencionado, é possível aprender muitas coisas sem mudar estruturas. É a tal história: alguns professores podem aprender muito sobre conteúdos da BNCC, mas manter a mesma estrutura didática anterior.

TP: Quer dizer, eu posso aprender muito, eu posso querer ensinar todas as habilidades, de modo explicativo, sem compreender que as habilidades precisam ser trabalhadas com foco no desenvolvimento de competências e não de maneira fragmentada... Se isso acontece, a BNCC não vai repercutir como se deseja.

LM: Eu aprendi habilidades, mas não desenvolvi novas competências. Por isso, competência tem função estruturante, integrativa; ela organiza como um todo ou como um sistema partes até então isoladas ou não relacionadas entre si. Não basta a um atacante ser habilidoso com a bola se na hora do jogo não converter isso em gol. Além disso, há jogadores de futebol ótimos do ponto de vista das habilidades com a bola, mas sem competência emocional, que se desestruturam diante de uma provocação em uma partida.

O direito de aprendizagem, então, é o direito de adquirir algo como um patrimônio, como uma conquista. Por isso, a aprendizagem dá poder, possibilita fazer ou saber coisas que, antes, não se faziam ou sabiam. O direito de desenvolvimento, por sua vez, é o direito como necessidade, o direito de se transformar, de tornar-se outro, talvez melhor do que antes. É o que acontece, em um sentido estrutural, com uma pessoa que agora sabe ler e escrever. Isso não significa que ela pode tudo, até porque tem consciência de suas limitações, de quanto consegue ir além ou mais fundo. A pessoa sabe o que lhe faz falta, sabe procurar ajuda.

Isso é competência de desenvolvimento, de dominar uma forma de se comunicar ou interagir com o mundo, com as outras pessoas ou consigo mesmo. Outra coisa, porém, é: “Agora eu aprendi como fazer isso”. É por essa razão que desenvolvimento e aprendizagem são inter-relacionados, mas se referem a domínios diferentes. Desenvolvimento é mudança estrutural, e aprendizagem, aquisição.

Carolina Glycerio (CG): Por que hoje se dá tanta ênfase às habilidades socioemocionais?

LM: Por que são habilidades sociais? Porque se referem a trocas humanas, interpessoais: da criança com outras crianças, da criança com o professor, do professor com os colegas, do professor com os gestores, dos familiares entre si. Na escola, há um sistema de trocas interpessoais reguladas por hábitos, costumes, valores, regras permitidas, regras proibidas, expectativas e referências culturais. Nesse sentido, a escola sempre teve trocas sociais. Por que habilidades emocionais? Porque, nessas trocas, as emoções operam como formas de sensibilidade que as regulam. Alegria, tristeza, sentimento de confiança ou desconfiança, raiva, ressentimento, ciúme, baixa autoestima alteram nosso comportamento diante dos outros, das tarefas ou das situações. Essas respostas emocionais afetam nosso modo de lidar com conteúdo conceitual, avaliação, relações com pessoas e coisas. E a escola é um contexto muito farto em propor situações em que aspectos emocionais, positivos ou negativos, colorem nossa maneira de enfrentá-las. Mas, se isso esteve presente na escola, qual é o diferencial agora? É que antes a escola não era para todas as crianças e jovens e, mais que isso, pensava-se que essas habilidades sociais e emocionais deveriam ser aprendidas em casa, pois eram de responsabilidade da família, ou seja, eram consideradas um pré-requisito à aprendizagem dos conteúdos conceituais, estes, sim, responsabilidade da escola.

TP: A escola ainda hoje tem muita expectativa de que os pais resolvam absolutamente tudo.

LM: Ainda hoje, espera-se que as funções socioemocionais, as habilidades que caracterizam a competência para lidar com trocas e contextos sociais, sejam responsabilidade da família. Nesse sentido, a escola continua a ser elitista, isto é, escolhe ou prefere alunos que conseguem aprender conteúdos disciplinares e responder bem às complexas exigências da vida em comum, em uma instituição sofisticada e exigente. O problema é que, agora, como mencionado, todos têm direito à Educação Básica; agora, ela se tornou uma necessidade social. Como fazer com que alunos fracos ou desobedientes aprendam? Como torná-los fortes e participativos? Como não considerar as competências socioemocionais um pré-requisito, e sim algo a ser ensinado, aprendido e praticado na escola com o mesmo valor que se atribui ao domínio dos conteúdos disciplinares?

Isso significa que temos de superar essa divisão de responsabilidades, em que certos componentes curriculares (o desenvolvimento de competências socioemocionais, no caso) são responsabilidade da família, e outros (relativos ao domínio dos conteúdos ensinados nas disciplinas), responsabilidade da escola. Agora, aprendem-se ambos dentro e fora da escola. Agora, a escola é para todos, todos têm direitos, isto é, necessidades de aprender o que ela ensina. Agora, a escola promove a **Educação Inclusiva** e participativa, deve atender crianças e jovens “de A a Z” sob todos os pontos de vista, ou seja, independentemente de suas condições cognitivas, físicas, sociais, culturais e emocionais.

Na escola, o gestor, o coordenador pedagógico e o professor assumem a responsabilidade de promover uma Educação integral e para todos. É tarefa difícil, complexa? Sim, mas esse é o desafio. Espera-se, por exemplo, que o coordenador pedagógico, além de suas funções com os docentes, faça a mediação da escola com a família, oriente-a a enfrentar os problemas com a criança. Aprender conteúdos disciplinares e formas de convivência com

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação Inclusiva considera que os indivíduos têm singularidades advindas de suas condições sociais, emocionais, físicas e intelectuais e busca promover uma Educação regida pelo princípio da equidade, oferecendo às crianças e aos jovens ações diferenciadas de acordo com suas necessidades e possibilidades. ♦ É papel da escola gerar um ambiente em que todos aprendam com sentido e participem ativamente da sociedade.

os outros e consigo mesmo, tomar decisões, desenvolver pensamento crítico são, pois, agora, um problema ou uma tarefa de todos, a mídia incluída. Daí, por igual, a importância de os professores assumirem que o desenvolvimento de habilidades socioemocionais no contexto da aula é também um problema deles. O mesmo vale para o diretor. É fundamental, por exemplo, que ele saiba quais são os principais problemas de natureza socioemocional da escola: o *bullying*, o furto, a raiva, a competição exagerada, a submissão, a dificuldade de colocar ou defender pontos de vista? Como definir, observar, buscar estratégias de enfrentamento para cada um desses problemas?

Acrescente-se que, felizmente, vivemos um tempo em que, por direito, mulheres e crianças não estão mais subordinadas ao “homem” da casa ou da escola. Como todos, elas têm o direito de discordar, de expor seus pontos de vista, de argumentar, de pensar de modo diferente. Trata-se, portanto, de aprendermos a viver em um contexto de direitos iguais, em que a diversidade de pontos de vista e as possibilidades de pensar ou fazer não de ser construídas e exercidas de maneira comum e democrática. Daí a importância de aprendermos sobre gestão de conflitos.

TP: As famílias também estão estruturadas de outros jeitos...

LM: Sim, e isso influencia a dinâmica da escola. Não é que antigamente não havia problemas ou questões socioemocionais, mas o que era, digamos, implícito agora está explícito e faz parte da pauta dos compromissos pedagógicos e curriculares.

TP: No contexto atual, educamos para o imponderável, já que não sabemos exatamente quais profissões existirão, as relações estão mudando, os saberes também...

LM: Isso me faz lembrar de algo muito importante, relacionado à mudança de orientação do papel da Educação Básica. Antes, tínhamos a escola primária, que preparava para o ginásio, que preparava para o ensino clássico ou científico,

que preparava para o curso superior. A escola tinha, então, a função de preparar para a escola seguinte. Acho que ainda temos em nosso “DNA” essa ideia de escola que prepara para a escola seguinte.

TP: É preciso preparar para a vida, não é mesmo?

LM: Sim, essa é a nova orientação das escolas da Educação Básica. Elas preparam para uma vida que segue, não mais apenas ou exclusivamente para a escola seguinte. Não sabemos quais profissões existirão; algumas não duram dez anos. E temos a influência do conhecimento científico na produção e no aperfeiçoamento de tecnologias e produtos. Por exemplo, na medicina, a tecnologia, os medicamentos, os recursos medicamentosos, os recursos técnicos mudam tanto e a uma velocidade tão grande que o médico precisa estar em formação e atualização constantes. O diagnóstico pode até ser o mesmo, mas a forma de tratamento é diferente, os desfechos são diferentes.

Há outro aspecto nessa ideia do preparar para a vida. O que significa hoje uma vida que segue? O passado, com seus conhecimentos e experiências acumulados e refletidos, não é mais o principal regulador do futuro. O futuro está aberto a muitas possibilidades de expressão. Como preparar crianças e jovens para esse futuro? Além disso, existem adversidades ou ocorrências de muitos tipos: acidentes que mudam formas de vida, tratamento de doenças que se tornam crônicas, pessoas que, graças aos cuidados humanos e aos recursos tecnológicos, não morrem de imediato e têm direito a uma vida digna e respeitável.

TP: Gosto muito de sua ideia de não estarmos restritos a um lugar, a determinado contexto. Nesse sentido, trabalhar por competências dá essa mobilidade no mundo, não dá?

LM: Isso mesmo, perfeito. Gostaria de comentar essa questão de dois modos. De um lado, a mobilidade, a possibilidade de crescer e ser educado em um lugar

e, depois, na fase adulta, trabalhar ou viver em outro convida-nos ao enfrentamento de um grande problema de gestão de recursos humanos e financeiros, bem como, ao mesmo tempo, de generosidade e pensamento universal. Eu, por exemplo, fui educado e me formei até o Ensino Superior no interior do estado de São Paulo, mas minha vida de adulto e tudo o que pude fazer nessa condição eu “ofereci” à cidade de São Paulo, pelo menos na maior parte das vezes. Em outras palavras, o interior investiu em minha formação escolar, e a capital desfrutou essa formação estando eu adulto. Para os mais jovens, tal questão está muito presente. Formam-se em uma cidade e vão trabalhar em outra; formam-se em um país e vão trabalhar em outro. Daí a importância de pensar a Educação de modo integrado, integral e íntegro. Não importa onde a pessoa esteja, deve receber o melhor e oferecer o melhor, isto é, o ótimo de suas possibilidades de servir ao mundo, aos outros e a si mesma.

De outro lado, ficando no aspecto pessoal, quero citar o exemplo de uma de minhas filhas, que se mudou para Nova York. Seus filhos foram criados em São Paulo. Eles tinham empregada, que pegava as roupas do chão, lavava, fazia comida, enfim cuidava da casa. Lá não há essas facilidades; eles precisam aprender a cozinhar, lavar, passar, cuidar de cachorro. Trata-se de aprender a viver em outra cultura, de rever hábitos, valores e formas de viver e se relacionar com os outros.

Temos também a novidade da cultura digital e as mudanças drásticas que precisamos aprender a enfrentar. Antigamente, por exemplo, um banco tinha muitos funcionários; hoje, tem cada vez menos, pois a cultura digital facilitou as transações com dinheiro e a realização de pagamentos. Coisas como essas simplificam o dia a dia, mas muitas pessoas ficam desempregadas e precisam aprender novas formas de trabalhar e viver. Por isso, o desenvolvimento de competências como criatividade, pensamento crítico, liberdade de escolha, tomada de decisão, flexibilidade, mobilidade é considerado tão importante e deve merecer a atenção da escola. Entende o que quero dizer? No banco estão demitindo funcionários, em casa seu dinheiro não é suficiente para pagar a empregada; aliás, máquinas

robotizadas a substituem, de maneira mais barata e eficiente. Por exemplo, fui à Espanha faz pouco tempo e na casa de um amigo em que fiquei havia um robôzinho que varria o lugar; o trabalho de meu amigo era ligar e desligar o aparelho e retirar o lixo. Então, de um lado, isso é uma maravilha; a tecnologia substitui trabalhos humanos. De outro, pode-se fazer a pergunta: os humanos vão fazer o que nesse tempo livre? Se eles não tiverem competências e habilidades para uma vida que se torna, de repente, aberta a muitas possibilidades – droga, depressão, doença –, haverá um aumento muito maior da desigualdade social, da diferença entre os que têm possibilidades e os que não têm. A escola não pode ficar indiferente a esses problemas; é nela que haveremos de encontrar ou construir formas de enfrentamento dessas questões.

TP: Esse tempo livre também pode nos dar oportunidades de melhor interação, de melhor convívio...

LM: Tempo livre significa ler livros de que você gosta, passear, ser o *chef* de sua cozinha, conversar com amigos... Isso para os vencedores. Para os outros, quem sabe, é desemprego, depressão... Quer dizer, meu comentário é trágico, mas esse é o desenho do futuro. Por isso se fala muito de competência. Temos de empoderar crianças e jovens para esse mundo em que o lugar do trabalho humano está sendo modificado. Por exemplo, nos Estados Unidos, 95% das pessoas trabalhavam no meio rural no século 19. Hoje apenas 5% trabalham e produzem muito mais. Os 90% restantes vivem na cidade. Só que o emprego na cidade está mudando drasticamente, com as máquinas e os robôs ocupando, como já lembramos, o lugar das pessoas. Daí a importância de a escola valorizar as competências e as habilidades requeridas para esse novo mundo e dificultar o aumento da desigualdade social e econômica.

TP: A BNCC está pautada em competências, para serem desenvolvidas pelo sujeito ao longo de toda a Educação Básica. São competências absolutamente

maravilhosas; você lê e gostaria de ser aquela pessoa que está ali. Das competências gerais foram geradas as competências específicas de cada área e as de cada componente curricular, e nessas competências há a definição de habilidades colocadas também como direito de aprendizagem dos alunos. Eu gostaria que você comentasse um pouco sobre isso, por favor.

LM: Competência é um nome, em verdade, um conceito complexo, muito difícil de desenvolver, sobretudo quando se consideram todos os alunos. Trata-se de uma abstração a ser traduzida em práticas que resolvem problemas, tomam decisões, levando em conta o contexto, a capacidade das pessoas, as metas e os objetivos que buscam alcançar nas circunstâncias do mundo atual. Isto é, implica capacidades e habilidades, enfrentar situações e tarefas muitas vezes desconhecidas ou novas, agrupar de maneira diferenciada e integrada habilidades, atitudes, conceitos, valores, pessoas, prazos, planejamentos, riscos a correr. Sua resultante é o desenvolvimento da autonomia, da autogestão no sentido de autodependência, ou seja, cada um depende de si, conta consigo mesmo, mas, ao mesmo tempo, em um contexto coletivo, interdependente, que inclui ações individuais e coletivas. Contudo, não nos esqueçamos de algo que o professor Nilson José Machado gosta de destacar: as competências são pessoais, mas um “pessoal” inserido em um contexto coletivo, com projetos, prazos, tomadas de decisão e uma vida para ganhar ou manter sentido.

Existe uma situação, que penso pouco conversada, no tópico de competências. Porque uma coisa é desenvolver competências e aprender habilidades necessárias a sua manifestação; outra é a expressão das competências em um contexto tão complexo como a instituição escolar. Uma visão simplificada é que alunos desenvolvam competências e que professores e gestores as expressem bem nos diferentes desafios que encontram para ensinar e gerir. Espera-se, assim, que tenham habilidades aprendidas e competências desenvolvidas o suficiente para enfrentar com sucesso as demandas a que devem responder na escola. A realidade, porém, mostra que professores e gestores também precisam se formar

continuamente e desenvolver competências e habilidades para responder a problemas novos. Uma resposta conhecida nem sempre dá conta de um problema novo, sobretudo na sociedade atual. Daí a importância da formação continuada de professores e gestores, da valorização de seu trabalho em todos os sentidos. Não basta que o século 21 seja conhecido como o século da aprendizagem, das máquinas e robôs, ou seja, da “conquista” da inteligência artificial. A aprendizagem, hoje, também há de ser dos alunos, professores, gestores, famílias, políticos, enfim de todos aqueles implicados direta ou indiretamente com a necessidade do sucesso escolar. Essa aprendizagem significa aprendizagem de habilidades, e o desenvolvimento é das competências para um mundo que muda e para uma vida que segue e que tem o direito de seguir no ótimo de suas possibilidades, quaisquer que sejam elas.

TP: Você diz que o professor precisa de competência relacional. Pode comentar esse conceito?

LM: Não basta ao professor ter domínio conceitual ou competência transmissiva. Ele precisa desenvolver também competência relacional, ou seja, capacidade de conviver – e ser bem-sucedido – na **diversidade** ou heterogeneidade de situações com que depara na sala de aula. Daí a necessidade deste livro, de que nossa conversa faz parte. Espera-se que ele ajude professores e gestores a desenvolver e aprimorar suas competências, para que possam dar um presente com sentido a seus alunos, ao mesmo tempo que os preparam para um futuro em que, como adultos, terão novos e complexos problemas.

Um bom coordenador pedagógico, para mim, é também um bom gestor da aprendizagem de seus professores. Mas aprendizagem de quê? Eventualmente,

DIVERSIDADE

Respeitar a diversidade significa deixar de lado qualquer tipo de exclusão e discriminação, seja de origem física, étnica, cultural, de gênero, socioeconômica ou etária, e atuar pela igualdade considerando as diferenças. Reconhecer os direitos humanos e valorizar as diferenças são formas de desconstruir a desigualdade. ♦ Na escola, é necessário constatar que todos são diferentes e, assim, gerar transformações para que todos aprendam e criem um clima institucional inclusivo.

relativa a defasagens de ordem conceitual, de conhecimentos... e também aprendizagens ligadas às competências relacionais, aquelas que envolvem trocas entre pessoas em um contexto participativo, cooperativo.

TP: Uma das questões colocadas na BNCC é a da equidade. O convívio deve colocar o foco na equidade, o professor na sala de aula deve tratar todos os alunos de modo a favorecer que cada um desenvolva aquelas habilidades e aquelas competências. Mas nem sempre temos clareza do que significa equidade.

LM: Confunde-se equidade com igualdade. Equidade não é igualdade, mesmo na matemática. Equivalência não é igualdade. Veja: seis menos um, três mais dois, quatro mais um são todos equivalentes a cinco, em um cálculo aritmético simples, mas se chega ao mesmo resultado por caminhos diferentes. Uma coisa é eu ter seis, tirar um e chegar ao cinco; outra é eu ter dois e pôr três... Com isso quero dizer que o professor tem de trabalhar a diversidade dos alunos de maneira heterogênea, não homogênea. Heterogênea no seguinte sentido, por exemplo: há um aluno cujo problema é a baixa autoestima; ele tem dificuldade de se expor, tem medo, tem uma história abusiva, é pobre, não teve oportunidade... Outro é muito saidinho, muito arrogante, pretensioso, não suporta perder, foi criado como um reizinho em casa... Como lidar com essa diversidade de formas de expressão comportamental? Um tem transtorno; o outro, uma doença crônica...

Existe, portanto, uma diversidade de condições dos alunos: condições físicas, sociais, culturais, emocionais e conceituais. Não é pouco para o professor, e ele tem de ser gestor dessas diferenças. Então, equidade é, sem preconceito, sem ofensa, saber lidar com os alunos na diversidade das possibilidades do ser de cada um e das condições de atuação ou de expressão de cada um. Como ajudar um aluno arrogante? Dizendo: “Menos”, “Espere a vez de falar”, “Você tem razão, mas seu colega também tem um pouquinho”. Por isso, acho muito significativa a palavra “gestor”. Penso que o século 21 é o século da gestão. Como aprender a gerir nossas emoções? Como aprender a lidar com a raiva? Escrever, mudar o modo

de respirar, conversar, tentar compreender, dar um tempo? Porque, o contrário, infelizmente, tantas vezes observado, é dar um tiro, bater, xingar, ofender, prejudicar a si e ao outro. Trata-se, aqui, de uma gestão de sentimentos. Uma pessoa competente é, também, boa gestora do tempo – do tempo da aula, dos projetos, das metas a alcançar, da vida ainda por viver. Ela sabe esperar, fazer cálculos, antecipar, ponderar custos e benefícios, escolher o melhor caminho, errar, corrigir, compreender, perdoar, esquecer. Ela também é uma gestora do espaço, do contexto, das múltiplas possibilidades de relação entre as coisas, de suas posições e deslocamentos.

CG: Voltando à questão da dependência totalmente externa para a autogestão, você enxerga esse movimento na BNCC?

LM: Vamos imaginar uma criança de 9 anos. Do ponto de vista de muitos assuntos, ela já tem autogestão, é autodependente: sabe cuidar do próprio corpo, ler e escrever – ou ao menos assim se espera. Mas, do ponto de vista financeiro, por exemplo, ela depende dos pais ou do Estado. Depende, considerando como exemplo a cidade de São Paulo, de seu pai, mãe ou outra pessoa para levá-la e trazê-la da escola, que fica longe de sua casa, e ela ainda não tem independência em sua mobilidade urbana. Penso que a BNCC leva em conta esses movimentos, pois gradua no espaço e no tempo as aprendizagens dos alunos ao longo de seu processo de escolarização.

CG: A BNCC dá um caminho ou uma luz para o professor que quer contribuir para esse ganho de autonomia do aluno em sua trajetória escolar?

LM: Penso que sim. Tomemos como exemplo a roda de conversa, uma estratégia pedagógica que os professores utilizam da Educação Infantil ao Ensino Médio. A estrutura, a gestão e o manejo de uma roda de conversa quando a criança tem 2 anos de idade são muito diferentes do contexto de uma assembleia com alunos

do Ensino Médio. Nesse caso, trata-se de favorecer a discussão ou a reflexão com base em hipóteses, pensamento crítico, apreciação das atitudes tomadas no contexto e do que é o melhor a fazer, de pôr em votação, de encontrar formas de explicação, de assumir responsabilidades.

TP: A BNCC indica habilidades progressivas ao longo dos anos com vistas ao desenvolvimento de competências. Um enfoque nesse processo está no “aprender a aprender”.

LM: A BNCC prevê o “aprender a aprender”. É um assunto complicado, porque penso que não sabemos ao certo o que significa isso. Dizer, por exemplo, que pertencemos à cultura digital não significa que sabemos tudo sobre ela, mas pode significar que sabemos pedir ajuda, que sabemos o que nos falta. Aprender a aprender, parece-me, tem o mesmo sentido de tornar-se gestor do próprio processo de aprendizagem ou desenvolvimento. Isso não quer dizer que se sabe tudo, e sim que se quer e se busca incessantemente superar, amenizar ou compreender a ignorância em um mundo onde é impossível e indesejável saber tudo. Uma coisa, então, é aprendizagem ou aquisição tendo o meio externo como fonte principal. Outra é ser ou se tornar um gestor desse processo. É isso que se espera que alcancem os alunos do Ensino Médio, que saibam lidar com informações, que utilizem a tecnologia digital com discernimento e que valorizem o que é benéfico para eles, para os outros e para a sustentabilidade de nossos recursos. É querer muito? Talvez, mas não custa sonhar e batalhar com o melhor de nós em favor disso.

CG: Como fazer para chegar ao Ensino Médio sabendo fazer isso?

LM: Muitas vezes, falamos mal do Ensino Médio, esquecidos de que ele é o fim de um processo (a Educação Básica como direito de todos), sobretudo para a maioria de nossa população de adolescentes. Concluí-lo bem supõe ações planejadas,

intencionais, um contexto favorável, capacidades condizentes para aprender o que lá se ensina. Um dos problemas é que muitos alunos vão acumulando defasagens, ficando para trás. Não basta estar matriculado no 6º ano se o aluno não sabe os conteúdos relativos ao 3º e, para complicar, tem interesses e necessidades próprias de um jovem ou adolescente, e não de uma criança de 9 anos. Enfrentar essa realidade é desesperador não só para os docentes, como também para os alunos.

Por isso, uma escola comprometida com o desenvolvimento de competências deve ter recursos para enfrentar e superar essas questões, deve aprender a ter recursos compensatórios. Por exemplo, gosto da estratégia de organizar a classe de modo que os que sabem mais possam ajudar os que sabem menos; gosto da ideia de pensar a escola em uma perspectiva integral, em que ela faz parte da sociedade e oferece o melhor de si em favor de um presente e um futuro, quem sabe, melhores para todos.

MATERIAL DE APOIO E BIBLIOGRAFIA



A apresentação que acompanha esta publicação (que pode ser acessada por meio do código QR impresso na quarta capa deste livro) foi elaborada com a intenção de apoiar a dupla gestora em discussões com os professores. Sugere-se que coordenador e diretor vejam juntos antes o arquivo e discutam entre si como o conteúdo se aplica a seu contexto e escolham trechos para expor e questões para problematizar. A apresentação é extensa e precisa ser vista com atenção.

O arquivo começa com um diagrama desenvolvido pela Comunidade Educativa CEDAC (slide 4) que representa o processo educativo e demonstra como todas as ações tomadas pelas instâncias e pelos profissionais nele envolvidos devem ter como fonte de sentido a aprendizagem das crianças e jovens.

Composto por diferentes camadas – Ministério da Educação (MEC), conselhos, secretarias, diretores, coordenadores, professores –, esse diagrama é também um bom disparador para discutir a importância do trabalho colaborativo e da interdependência entre os diferentes atores, consideradas as distintas dimensões de cada um, para que possam ser asseguradas as condições necessárias para o estudante aprender.

Recomenda-se que a dupla gestora passe os slides sem pressa, para que a equipe faça suas primeiras reflexões sobre cada esfera e a visão geral do processo educativo ali apresentadas, permitindo que algumas pessoas comentem e formulem questões se quiserem.

Nas camadas mais externas desse diagrama, estão as instâncias MEC, Conselho Nacional de Educação (CNE) e secretarias estaduais/municipais de Educação, às quais cabe, dentre outras responsabilidades, elaborar políticas para todas as etapas de escolaridade (MEC), formular diretrizes (CNE), criar e pôr em prática políticas para a melhoria da Educação Básica (secretarias).

É no contexto dessas macroações que se insere o processo de elaboração e implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cuja representação tem início no slide 16. Esse diagrama também se desdobra em camadas e busca evidenciar os papéis colocados aos diferentes atores do sistema educativo.

Nos slides 22 e 23, é feito um resgate do histórico da construção da BNCC com uma linha do tempo que destaca os principais marcos, a começar pelo artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996). Ali se revela que a BNCC não se resume a uma iniciativa de um ou outro governo, mas consiste em uma política pública prevista há mais de 20 anos e presente no Plano Nacional de Educação (PNE).

Feita essa contextualização, importante para entender o lugar que a BNCC ocupa no cenário e na história da Educação no Brasil, apresentam-se, a partir do slide 25, a própria estrutura do documento, os conceitos que o compõem e sua lógica de construção.

O slide 25 faz uma síntese das dez competências gerais preconizadas na BNCC para crianças, jovens e adultos e para as quais convergem todas as aprendizagens que devem ocorrer ao longo da Educação Básica. Os enunciados completos estão disponíveis para consulta nos slides 86 e 87.

Os slides 27 a 36 mostram a estrutura da BNCC na Educação Infantil, com os campos de experiências aos quais estão vinculados os 117 objetivos de aprendizagem e desenvolvimento propostos para essa etapa de escolaridade.

A partir do slide 37, expõe-se a estrutura do documento para o Ensino Fundamental, que compreende cinco áreas do conhecimento e nove componentes curriculares.

Os slides 49 a 57 dão exemplos de como as habilidades se tornam mais complexas ao longo da escolaridade. Entre o 58 e o 60, demonstra-se como as progressões de habilidades convergem para o desenvolvimento de competências específicas de áreas e de componentes curriculares, que, por sua vez, convergem para competências gerais.

O slide 61 mostra que as habilidades progridem não só de forma linear, ou seja, as progressões de habilidades não estão restritas a um componente curricular.

O slide 62 contribui para a compreensão da estrutura da BNCC, pois apresenta a inter-relação entre os elementos que a compõem.

No slide 63, sintetiza-se o que a BNCC espera do sujeito da aprendizagem.

Em seguida, propõe-se uma reflexão sobre o que se espera dos sujeitos de ensino para que as crianças e jovens possam aprender e desenvolver no ambiente escolar as competências e habilidades expressas no documento.

Entre os slides 70 a 84, destaca-se como os valores e procedimentos estão indicados nas definições das competências, tendo como pano de fundo as áreas de matemática e língua portuguesa, e procura-se motivar uma discussão sobre como a equipe pode rever as práticas de sala de aula de modo a gerar boas condições para que as competências sejam aprendidas e desenvolvidas pelas crianças e jovens.

No slide 85, abordam-se os temas integradores, que devem ser trabalhados de maneira transversal nas diferentes áreas e componentes curriculares. É preciso observá-los com atenção e incorporá-los à prática pedagógica de maneira contextualizada, não apenas por não caberem em uma só área, como porque muitos deles estão ancorados em marcos legais que têm de ser respeitados.

Segue o roteiro da apresentação:

- 1.** O processo educativo e a engrenagem da aprendizagem (diagrama)
- 2.** O processo de construção e implementação da BNCC (diagrama)
- 3.** A estrutura da BNCC
- 4.** A BNCC na Educação Infantil: campos de experiências e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
- 5.** A BNCC no Ensino Fundamental: áreas do conhecimento e componentes curriculares
- 6.** Unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades
- 7.** Competências específicas e competências gerais
- 8.** Algumas práticas em aulas de matemática que potencializam as competências específicas dessa área
- 9.** Algumas práticas em aulas de língua portuguesa que potencializam as competências específicas desse componente curricular
- 10.** O que se espera mais especificamente do professor?

- 11.** Objetos de conhecimento imprescindíveis ao professor
- 12.** Temas integradores
- 13.** Competências gerais (enunciados completos)

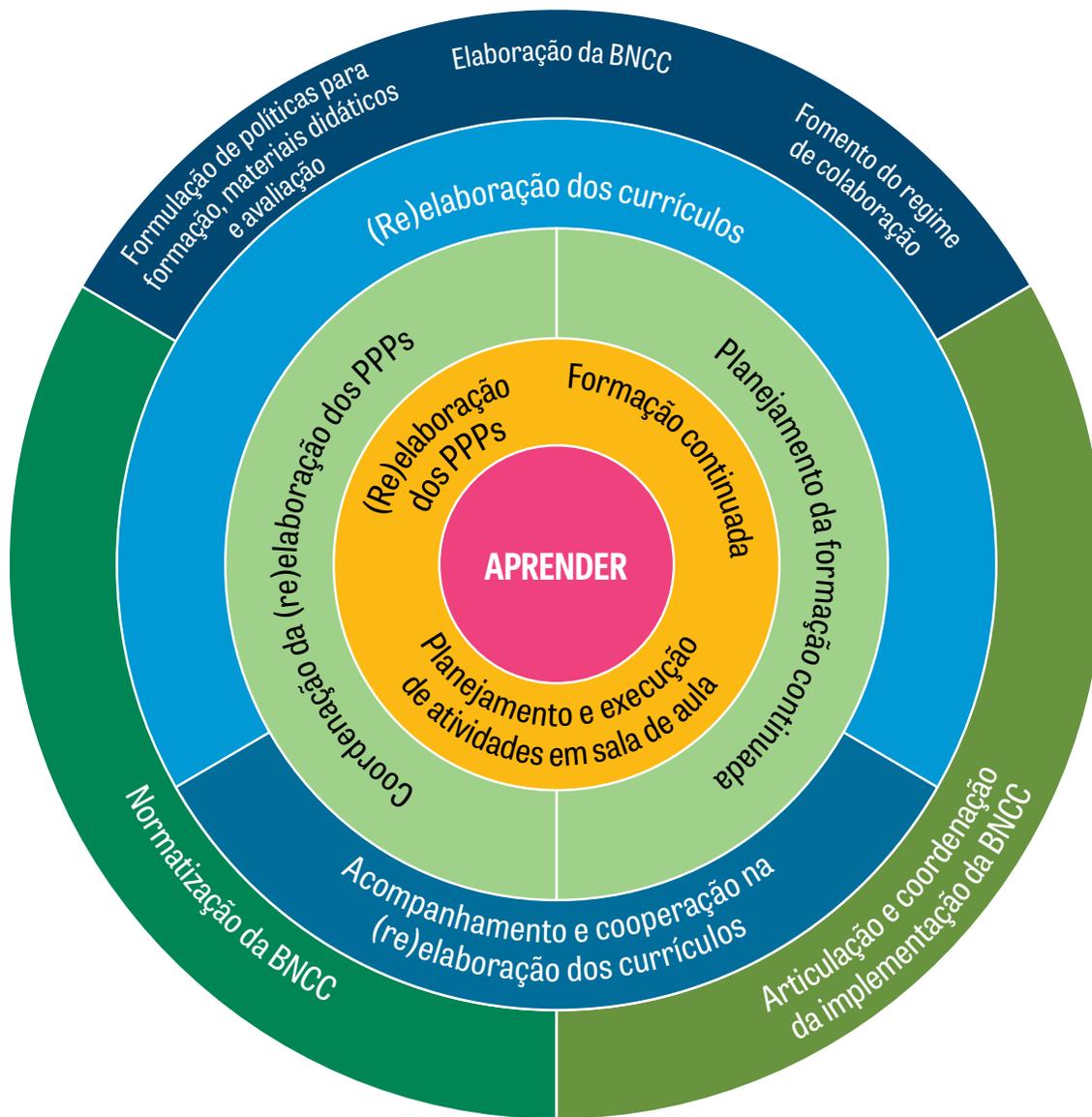
Bibliografia

- ABRUCIO, Fernando Luiz (Coord.). *Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança*. São Paulo: Moderna, 2016.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). *O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola*. São Paulo: Loyola, 2013.
- AUBERT, Adriana et al. *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.
- COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC. *O que revela o espaço escolar?: um livro para diretores de escola*. São Paulo: Moderna, 2013.
- _____. *Projeto político-pedagógico: orientações para o gestor escolar*. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PANIZZA, Mabel et al. *Ensinar matemática na Educação Infantil e nas séries iniciais: análises e propostas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PARRA, Cecilia; SAIZ, Irma (Org.). *Didática da matemática: reflexões psicopedagógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- SERRES, Michel. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. *Como aprender e ensinar competências*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Este livro foi composto nas fontes Abril Text e Tablet Gothic
e impresso em maio de 2018.



A APRENDIZAGEM NO CENTRO DA BNCC



A APRENDIZAGEM NO CENTRO DA BNCC

Responsabilidades no processo de elaboração e implementação da BNCC.

- MEC
- CNE
- Comitê Nacional de Implementação da BNCC (MEC, Consed e Undime)
- Conselhos estaduais e municipais
- Secretarias
- Diretores e coordenadores pedagógicos
- Professores
- Crianças e jovens

←.....| Veja o diagrama **A aprendizagem no centro da BNCC** no verso

“É comum confundirmos aprendizagem com desenvolvimento. Desenvolvimento significa transformação de estrutura, ou seja, que a criança ou o adolescente dispõem agora de uma nova e mais potente maneira de compreender e realizar as coisas. Por exemplo, para aprender a ler e escrever minimamente bem, para se tornar um bom leitor, é preciso desenvolver uma nova estrutura de pensamento ou inteligência, entendendo por estrutura formas organizadas de se relacionar com o mundo. Desenvolvimento supõe mudança e integração de estruturas físicas, cognitivas, sociais ou emocionais, tem a ver com mudanças estruturais. Aprendizagem diz respeito a aquisição. Nesse sentido, é possível aprender muitas coisas, todas elas restritas a uma mesma estrutura. No entanto, dependendo do modo como se aprende, do contexto em que se aprende, a aprendizagem pode influir nos processos de desenvolvimento, por prover ou exigir novas e melhores estruturas.”

Lino de Macedo

Professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e especialista em Jean Piaget, no capítulo “Uma conversa sobre competências”.



A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em dezembro de 2017, passa a ser uma referência nacional para apoiar processos de elaboração de currículos e materiais didáticos, de políticas de formação de professores e gestores e de avaliação para concursos públicos.

O documento estabelece competências essenciais a serem desenvolvidas por crianças e jovens ao longo de sua escolaridade básica. Para que essas competências possam se efetivar, é preciso torná-las presentes no dia a dia escolar e nas práticas educativas.

Visando ajudar os profissionais da Educação nessa tarefa, este livro:

- ▶ Apresenta as implicações, no cotidiano da escola, dos princípios contidos na BNCC.
- ▶ Explica sua lógica de construção e organização com diagramas.
- ▶ Discute o impacto da atuação dos educadores na aprendizagem de crianças e jovens.
- ▶ Inclui uma apresentação para as equipes escolares que pode ser acessada por meio do código QR impresso abaixo.

Boa leitura e bom trabalho!



<http://mod.lk/livrbncc>

